

Jenifer Moreira Martins

## **Relatório de Estágio**

**A influência dos manuais escolares no repertório musical utilizado pelos professores nas aulas de Educação Musical do 2º Ciclo**

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL  
NO ENSINO BÁSICO

Junho 20**18**

Jenifer Moreira Martins

## **Relatório de Estágio**

**A influência dos manuais escolares no repertório musical utilizado pelos professores nas aulas de Educação Musical do 2º Ciclo**

Relatório final de Estágio submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
MESTRE EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL NO ENSINO BÁSICO

Orientação

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Graça Boal Palheiros*

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL  
NO ENSINO BÁSICO

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio incondicional em todos os desvios do meu percurso e em todos os momentos de exaustão. Facilitou a minha vida de aprendiz e acreditou sempre no meu esforço e empenho;

A todos os professores que me ensinaram a aprender e a ensinar. Obrigada por me inspirarem a ser melhor profissional;

À minha orientadora, Professora Doutora Graça Boal Palheiros, pela forma como me orientou em todo o mestrado, pelos conselhos e pela partilha do seu saber científico. É importante referir ainda a disponibilidade sempre manifestada, apesar do seu horário tão preenchido;

À professora Ana Daniela Oliveira, pela partilha de experiências, pela paciência e entusiasmo para melhorar todas as minhas falhas;

Ao professor Carlos Graciano, pelo apoio constante, pelas críticas sempre construtivas e pela motivação;

Aos meus alunos, por me ajudarem a aprender e a crescer a cada dia que passa e por me terem acompanhado nesta caminhada cheia de dedicação e amor;

Às minhas colegas de estágio Ana Rita Miranda e Joana Silva, pelo apoio, pelo carinho, pela compreensão, pela diversão, pelos sorrisos, por me acompanharem e por me ajudarem a ter forças para continuar;

Às Escolas Básicas de São Tomé e Augusto Gil, por me permitirem vivenciar esta experiência, de forma tão amável, atenciosa e sempre dispostas a ajudar;

Aos meus amigos e colegas de curso, por me acompanharem nesta jornada.



## RESUMO

O presente Relatório de Estágio foi elaborado no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Este relatório apresenta todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano 2017/2018, em forma de carácter reflexivo e crítico.

No primeiro capítulo encontra-se a caracterização e contextualização das instituições onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada: a Escola Básica de São Tomé (1º Ciclo) e a Escola Básica Augusto Gil (2º Ciclo). Serão explicados os contextos em que estas duas escolas se inserem, bem como a caracterização das turmas e os recursos disponíveis.

O segundo capítulo está escrito numa narrativa pessoal e engloba uma reflexão da minha experiência de ensino e aprendizagem, com todas as minhas escolhas, opções, motivações, dificuldades e estratégias utilizadas ao longo do ano enquanto professora estagiária.

Por último, o terceiro capítulo é dedicado ao projeto de investigação, tendo como tema “A influência dos manuais escolares no repertório musical utilizado pelos professores de Educação Musical de 2º Ciclo”.

**Palavras-chave:** Educação Musical, Prática de Ensino Supervisionada, repertório musical, manuais escolares.

## ABSTRACT

This Internship Report was written as part of the course Supervised Teaching Practice from the Master Degree in Teaching in Musical Education by the Education School of the Polytechnical Institute of Porto. This report presents all the work developed throughout the school year of 2017/18 as part of a critical reflection.

The first chapter presents the characterization and contextualization of the institutions where the Supervised Teaching Practice took place: Sao Tome Primary School and Augusto Gil Elementary School. It will be explained the contexts in which these two institutions are inserted, as well as the characterization of the classes and the resources available.

The second chapter is written on behalf of a personal account and includes a reflection of my teaching and learning experiences, with all my options, obstacles, motivations and strategies used throughout the year as a trainee teacher.

Finally, the third chapter is dedicated to the research project, with the topic "The influence of school textbooks on the musical repertoire used by Elementary Musical Education teachers."

**Keywords:** Music Education, Supervised Teaching Practice, musical repertoire, school textbooks

# ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| Agradecimentos   | 1  |
| Resumo   | 3  |
| Abstract   | 4  |
| Índice de Figuras  | 7  |
| Índice de Tabelas e Quadros  | 9  |
| Introdução   | 11 |
| <br>   |    |
| <u>Capítulo I</u> – Observação da Prática Musical no Ensino Básico | 13 |
| 1.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo                  | 13 |
| 1.1.1. Caracterização da Escola Básica de São Tomé                 | 13 |
| 1.1.2. Recursos  | 15 |
| 1.1.3. Caracterização da Turma                                     | 17 |
| 1.2. Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo                  | 18 |
| 1.2.1. Caracterização da Escola Básica 2-3 Augusto Gil             | 18 |
| 1.2.2. Recursos  | 20 |
| 1.2.3. Caraterização da Turma                                      | 22 |
| <br>   |    |
| <u>Capítulo II</u> – Prática de Ensino Supervisionada              | 23 |
| 2.1. Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo                  | 35 |
| 2.2 Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo                   | 42 |

|   |        |
|---|--------|
| <u>Capítulo III</u> – Projeto de Investigação                 | 57     |
| 3.1. Introdução   | 57     |
| 3.2. Contextualização Teórica                                 | 59     |
| 3.2.1. Importância dos manuais escolares                      | 59     |
| 3.2.2. Critérios de apreciação, seleção e adoções dos manuais | 60     |
| 3.2.3. Evolução dos manuais escolares                         | 62     |
| 3.2.4. Programa de Educação Musical do Ensino Básico          | 64     |
| 3.3. Estudo   | 66     |
| 3.4. Metodologia  | 67     |
| 3.4.1. Participantes  | 67     |
| 3.4.2. Procedimento   | 67     |
| 3.4.3 Análise   | 71     |
| 3.5. Discussão de Resultados                                  | 72     |
| 3.6. Conclusão  | 79     |
| <br>Reflexão Final  | <br>82 |
| Referências Bibliográficas                                    | 88     |
| Índice de Anexos Digitais                                     | 92     |



## ÍNDICE DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1:</b> EB1/JI de São Tomé  | 13 |
| <b>Figura 2:</b> Localização da EB1/JI de São Tomé   | 13 |
| <b>Figura 3:</b> Zona exterior da Escola com um campo de futebol à esquerda e uma zona coberta à direita | 14 |
| <b>Figura 4:</b> Instrumentos musicais da Escola   | 15 |
| <b>Figura 5:</b> Planta da sala de aula  | 17 |
| <b>Figura 6:</b> Sala de aula  | 17 |
| <b>Figura 7:</b> EB 2-3 Augusto Gil  | 18 |
| <b>Figura 8:</b> Localização da EB 2-3 Augusto Gil   | 18 |
| <b>Figura 9:</b> Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa   | 19 |
| <b>Figura 10:</b> Colégio João de Deus   | 19 |
| <b>Figura 11:</b> Sala Museu   | 19 |
| <b>Figura 12:</b> Sala dos professores   | 19 |
| <b>Figura 13:</b> Alguns instrumentos musicais da sala 12  | 21 |
| <b>Figura 14:</b> Planta da sala de aula   | 22 |
| <b>Figura 15:</b> Sala de aula   | 22 |
| <b>Figura 16:</b> Competências específicas de Educação Musical (CNEB, 2001)                              | 27 |
| <b>Figura 17:</b> Os meus Parâmetros de avaliação dos alunos   | 33 |
| <b>Figura 18:</b> Critérios de avaliação dos alunos  | 34 |
| <b>Figura 19:</b> Concerto de Natal na Igreja de Paranhos  | 39 |
| <b>Figura 20:</b> Imagem do Concerto final, no pavilhão desportivo da escola                             | 41 |

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 21:</b> Dia da Despedida   | 41 |
| <b>Figura 22:</b> Imagens da notícia do jornal da escola do concerto de Natal                | 52 |
| <b>Figura 23:</b> Preparação do concerto de Natal  | 52 |
| <b>Figura 24:</b> Apresentação da turma 6ºE  | 52 |
| <b>Figura 25:</b> Concerto de Páscoa Inter-turmas  | 53 |
| <b>Figura 26:</b> Notícia do jornal da escola acerca do concerto de<br>Páscoa Inter-turmas   | 53 |
| <b>Figura 27:</b> Dia da Despedida, com os alunos que participaram<br>no concerto Fim de Ano | 56 |
| <b>Figura 28:</b> Repertório sugerido pelo Programa de Educação Musical                      | 64 |
| <b>Figura 29:</b> Lista de manuais de Educação Musical em<br>2017/2018 (DGE, 2017)           | 66 |

## ÍNDICE DE TABELAS E QUADROS

|  |    |
|--|----|
| <b>Tabela 1:</b> Instrumentos musicais na escola   | 16 |
| <b>Tabela 2:</b> Instrumentos musicais e equipamentos disponíveis na sala 12               | 21 |
| <b>Tabela 3:</b> Cronograma da Prática de Ensino Supervisionada<br>no 1º Ciclo (2017/2018) | 36 |
| <b>Tabela 4:</b> Cronograma da Prática de Ensino Supervisionada<br>no 2º Ciclo (2017/2018) | 43 |
|  |    |
| <b>Quadro 1:</b> Repertório dos manuais escolares estudados                                | 73 |
| <b>Quadro 2:</b> Adoção do manual escolar  | 74 |
| <b>Quadro 3:</b> Os manuais que os professores usam  | 74 |
| <b>Quadro 4:</b> A importância e a influência do manual                                    | 75 |
| <b>Quadro 5:</b> Os conhecimentos e a utilização do Programa                               | 76 |
| <b>Quadro 6:</b> As influências do manual no repertório trabalhado em aula                 | 77 |
| <b>Quadro 7:</b> O estilo mais abordado em aula  | 77 |
| <b>Quadro 8:</b> A frequência do estilo mais abordado em aula                              | 78 |



## INTRODUÇÃO

No início da Prática de Ensino Supervisionada (PES), o nervosismo e a ansiedade estiveram sempre presentes, por se tratar do meu primeiro contacto com alunos, no papel de professora. Estava a embarcar numa experiência completamente nova para mim.

A minha prática desenrolou-se num processo em espiral, com o intuito de poder contribuir para o aperfeiçoamento das práticas pedagógicas e para crescer enquanto pessoa e professora. Esse processo visa as seguintes fases de desenvolvimento: observação, planificação, ação e reflexão. É trabalhando e refletindo sobre o que fazemos que poderemos melhorar e crescer.

Com o Relatório de Estágio pretende-se refletir sobre o contributo das observações realizadas, das planificações, das estratégias e métodos usados, em toda a prática de lecionação realizada.

A Prática de Ensino Supervisionada foi fundamental para uma melhor preparação e aproximação da realidade docente. Enquanto estagiária, foquei-me em melhorar as minhas capacidades e competências e refletir acerca dos erros que fui cometendo. Fui sempre capaz de encarar as situações de ensino com uma atitude ambiciosa, pois só mudando conseguiremos ser capazes de resolver os problemas.

Para além de ter adquirido competências fundamentais para o desenvolvimento da prática educativa, senti a necessidade de investigar o repertório musical que está presente nos manuais escolares dos alunos de Educação Musical de 6º ano, com o objetivo de saber que estilos musicais estão à disposição das crianças. A minha motivação para este estudo deveu-se ao contacto que fui tendo com os manuais escolares ao longo do ano. Denotei, durante este período, alguma falta de rigor e inconformidade com as necessidades pedagógicas, ou seja, com o que os professores querem

transmitir e ensinar. Este representou o objeto de estudo da investigação desenvolvida, que é descrita no 3º capítulo, intitulada “A influência dos manuais escolares no repertório musical utilizado pelos professores nas aulas de Educação Musical do 2º Ciclo”.

Todo o estudo realizado ao longo do mestrado teve o objetivo de perceber e expandir corretamente a importância da música no processo de ensino e aprendizagem, a sua aplicação e os seus benefícios no desenvolvimento da criança. Conjuntamente, procurei também conhecer aspetos relacionados com a legislação nacional, no que concerne ao desenvolvimento curricular da Educação Musical no sistema do Ensino Português.

A escola tem um papel essencial no desenvolvimento e crescimento das crianças em todas as áreas de ensino, incluindo nas áreas artísticas e musicais.

Para muitas crianças, o espaço e o ambiente educacional é o único lugar onde podem explorar o seu potencial. Graças à possibilidade de aprendizagem, as crianças tornar-se-ão indivíduos e membros ativos de uma sociedade e de uma cultura (Rodrigues, 2006). Por exemplo, através da cultura musical, os alunos interagem com novas culturas, pois a escola é um dos locais privilegiados para o confronto e interação com a diversidade.

Por último, faço uma retrospectiva de toda a minha experiência enquanto estagiária, resumindo tudo o que aprendi, construí e vivi ao longo deste ano de Prática de Ensino Supervisionada no Ensino Básico. Todas as práticas realizadas foram pertinentes e importantes para o meu processo de ensino e aprendizagem pessoal e profissional.

# **CAPÍTULO I – OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO ENSINO BÁSICO**

## **1.1. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1º CICLO**

A Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo realizou-se na Escola Básica de São Tomé, do Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha, tendo sido professora cooperante a Dr.<sup>a</sup> Helena Carvalho e professora supervisora a Dr.<sup>a</sup> Ana Daniela Oliveira.

### **1.1.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EB/JI DE SÃO TOMÉ**

A Escola Básica/Jardim de Infância de São Tomé (Fig. 1) situa-se na cidade do Porto, na Rua Conde de Avranches (Fig. 2), freguesia de Paranhos, concelho de Porto.

Esta instituição pertence ao Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha. O mesmo é composto por quatro estabelecimentos de ensino, dos quais um é de 2º e 3º Ciclos e os outros três de 1º Ciclo, com Jardins de Infância, sendo: EB 2-3 de Pêro Vaz de Caminha, EB1/JI da Agra, EB1/JI de São Tomé e EB1/JI dos Miosótiis.



Fig. 1: EB1/JI de São Tomé

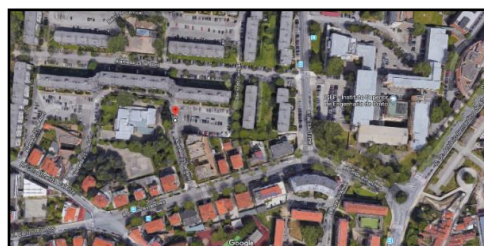


Fig. 2: Localização da EB1/JI de São Tomé

A EB/JI de São Tomé é composta 10 salas: três para o Jardim de Infância, cinco para o 1º Ciclo, uma sala de apoio e uma para a Unidade de Apoio especializado à Multideficiência (UAM). Para além disso, possui de uma Cozinha, o Refeitório, a Biblioteca, a Sala de Professores, o Pavilhão desportivo e casas de banho. No exterior da escola, há um espaço coberto onde as crianças podem brincar abrigadas da chuva, um campo de futebol e todo o espaço em volta onde as crianças podem andar em segurança.



Fig. 3: Zona Exterior da Escola, com um campo de futebol à esquerda e uma zona coberta à direita.

No ano letivo 2017/2018 o corpo docente da escola foi de 14 professores, dos quais cinco eram professores de 1º Ciclo, dois eram educadores do JI, dois eram professores de apoio, três do ensino especial e dois de Inglês. Também havia três professores de Educação Física que lecionavam as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). O corpo não docente era constituído por nove auxiliares de ação educativa, três cozinheiras e quatro estagiários de Educação Musical (alunos da ESE).

No 1º Ciclo existiam cinco turmas: duas de 1º ano, uma de 2º ano, uma de 3º e uma de 4º. Algumas turmas eram mistas, onde coexistiam alunos de diferentes anos (2º e 3º ano, bem como o 3º e 4º).



No âmbito da componente letiva de 1º Ciclo, as aulas decorreram entre as 9h e as 15:30h e as Atividades de Enriquecimento Curricular (neste caso de Educação Física), entre as 15:30h e as 17:30h. Todos os horários disponíveis para as AEC foram preenchidos pelos professores de Educação Física, por falta de um professor de Expressão Musical e outro de Expressão Dramática. A carga horária semanal de Expressão Musical, pertencente ao currículo dos alunos, lecionada por mim, foi de 60 minutos, sendo uma vez por semana, à quarta-feira, às 14:30h.

#### 1.1.2. RECURSOS

Os instrumentos da escola estavam guardados na Sala de Apoio. Havia grande variedade de instrumentos (Tabela 1) dando a possibilidade de enriquecer as aulas de Educação Musical. Utilizei também a minha guitarra pois no início da Prática de Ensino Supervisionada, ainda não arriscava muito e, por isso, preferi trabalhar mais com a voz, deixando os instrumentos musicais mais para o final do ano.

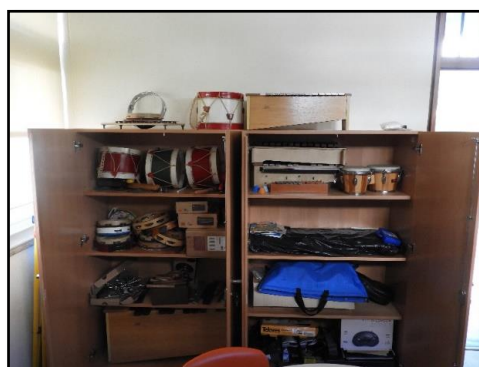


Fig. 4: Instrumentos musicais da Escola

**Tabela 1: Lista de Instrumentos  
Musicais na Escola**

- 1 Xilofone baixo
- 1 Xilofone soprano
- 2 Metalofones contralto
- 2 Jogo de sinos
- 1 Teclado sintetizador
- 10 Pandeiretas
- 4 Tambores
- 1 Bongó
- 1 Cavaquinho
- Diversas Clavas
- Diversas Maracas
- Diversos Reco-reco
- Caixa Chinesa

As aulas de Expressão Musical foram lecionadas na sala de aula da turma e no pavilhão desportivo. A sala de aula tem um formato retangular, com boas condições térmicas e de luminosidade, pelo facto de as paredes serem formadas por janelas largas e altas em toda a sua extensão. Quase toda a sala é ocupada por mesas e cadeiras, não sobrando praticamente espaço para atividades com movimento, pelo que sempre que necessário deslocava-me com os alunos para o pavilhão desportivo, para assim podermos realizar diversas atividades.

A sala não possuía um sistema de projeção de imagem, o que me fazia repensar as atividades. Tive que abdicar de exercícios com projeção de imagem, por causa disso mesmo.

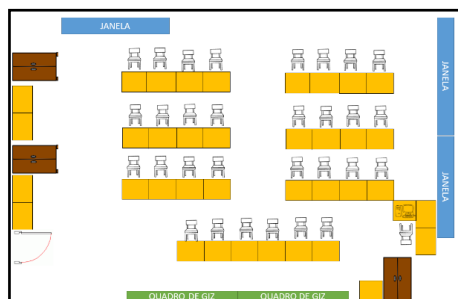


Fig. 5: Planta da Sala de Aula



Fig. 6: Sala de Aula

### 1.1.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma com a qual realizei a Prática de Ensino Supervisionada de 1º Ciclo foi de 2º e 3º ano, sendo constituída por 26 alunos (Anexo 1.4.5). Os alunos que frequentavam o 2º ano eram apenas 6, uma vez que os restantes 20 eram de 3º ano. Um dos alunos de 3º ano tinha necessidades educativas especiais. Os alunos tinham idades compreendidas entre os 6 e 8 anos, dos quais 15 eram elementos do sexo feminino e 11 do sexo masculino. No que diz respeito à área de residência, todos residiam no concelho do Porto.

A turma era, de um modo geral, muito comunicativa, recetiva e participativa. Já o comportamento dos alunos era complicado e inadequado (por vezes, eram mal educados e provocatórios), o que dificultava o ritmo de ensino e aprendizagem da turma em geral.

Surgiram diversas dificuldades ao trabalhar com os alunos, o que não acontecia só comigo. Por vezes, até mesmo a própria professora titular, tinha dificuldades em criar um bom ambiente de trabalho. Desde o início da prática que a turma apresentou problemas de concentração, de motivação e até de respeito para com os professores. A nível de formação musical, nenhum aluno tinha estudos ou bases em música, mas grande parte manifestou gosto pelas aulas de música, à medida que as semanas passavam.

Na minha primeira aula da Prática, os alunos apresentaram reações de rejeição, antipatia e rebeldia para comigo, porque acreditavam que não gostavam de fazer música nem de cantar. Felizmente, ao longo das semanas, essas atitudes foram mudando positivamente, sendo que, no final, os alunos mostraram tristeza por as aulas de música terem acabado.

## 1.2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 2º CICLO

A Prática de Ensino Supervisionada de 2º Ciclo realizou-se na Escola Básica Augusto Gil, do Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, tendo sido professor cooperante o Dr. Carlos Graciano e professoras supervisoras a Doutora Graça Boal Palheiros e a Dr.<sup>a</sup> Ana Daniela Oliveira.

### 1.2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA BÁSICA AUGUSTO GIL

A Escola Básica 2-3 Augusto Gil (Fig. 7) pertence ao Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa e situa-se na Rua de Alegria, em pleno centro da cidade do Porto (Fig. 8).

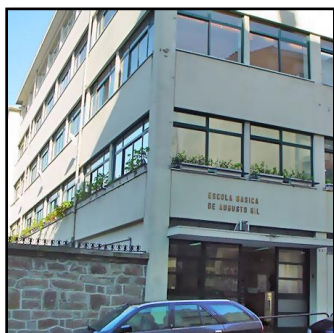


Fig. 7: EB 2-3 Augusto Gil

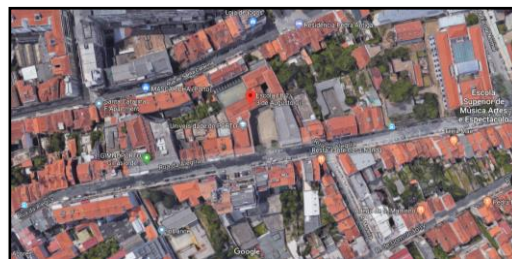


Fig. 8: Localização da EB 2-3 Augusto Gil

O Agrupamento de escolas Aurélia de Sousa foi criado a 4 de julho de 2012 por despacho governamental, que agregou a Escola Secundária Aurélia de Sousa e o Agrupamento de Escolas Augusto Gil. É composto por cinco estabelecimentos de ensino, dos quais três são escolas de 1º Ciclo: EB1 das Florinhas, EB1 da Fontinha e EB1 Fernão de Magalhães. Para além destas, possui ainda a EB 2-3 Augusto Gil e a própria ES Aurélia de Sousa, sendo esta a única escola com ensino secundário (AEAS, 2017).



Fig. 9: Escola Secundária Aurélia de Sousa



Fig. 10: Colégio João de Deus

A Escola Básica 2-3 Augusto Gil ocupa um edifício de quatro pisos em bom estado de conservação, onde outrora funcionaram dois outros estabelecimentos de ensino privado: o Colégio de Nossa Sr.<sup>a</sup> da Estrela e o Colégio João de Deus (Fig. 10). Possui espaços exteriores para recreio bastante diminutos para a sua população escolar. Para além disso, a Sala Museu também é disso exemplo. Quando esta necessita de albergar toda a comunidade escolar para determinadas atividades, tais como os concertos de Natal, de Páscoa e de Fim de Ano, torna-se insuficiente (AEAS, 2013).



Fig. 11: Sala Museu

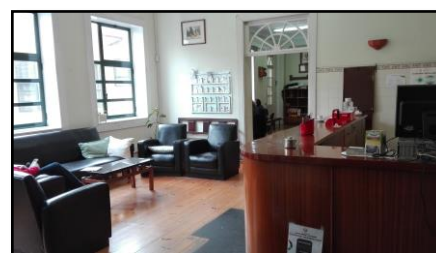


Fig. 12: Sala de professores

Algumas das tradições da escola são o concerto de Natal e o concerto de Fim de Ano. São essas atividades que dão privilégio e reconhecimento às aulas de Educação Musical. O que se apresenta para as diferentes comunidades da escola (pais, professores, colegas) é o resultado do trabalho realizado, ao longo do ano letivo, nas aulas de Educação Musical.

Até ao ano letivo 2016/2017, desenvolviam-se na escola várias atividades extracurriculares, entre as quais os clubes de Música (Instrumental Orff, Clube de Canto, Clube de Flautas e Clube de Percussão), que entretanto terminaram (AEAS, 2017 - Artigo 72º).

No ano letivo 2017/2018, o corpo docente da escola era composto por 55 professores, dos quais dois são de Educação Musical e cinco são de Ensino Especial. O corpo não docente é constituído por 17 auxiliares de ação educativa e sete estagiários.

No 2º Ciclo existiam 11 turmas e no 3º Ciclo existiam 10. As turmas de Ensino Especial eram constituídas por 47 alunos, com horário letivo das 8:30h às 16:30h. No total, havia cerca de 490 alunos. As aulas dos restantes alunos decorreram entre as 8:30h e as 18:30h. A carga horária semanal das aulas de Educação Musical era de 100 minutos, ou seja, dois blocos de 50 minutos, sendo lecionados por mim. Eram praticadas às quintas-feiras, das 14:30h às 15:20h e das 15:30h às 16:20h.

### 1.2.2. RECURSOS

Existem duas salas específicas para a disciplina de Educação Musical (salas 12 e 13), ambas equipadas com um quadro pautado, aparelhagem, colunas, computador com ligação à internet, projetor e diversos instrumentos musicais (Tabela 2). A minha Prática decorreu sempre na sala 12. Considero que a escola está muito bem equipada, nomeadamente a nível de instrumentos

musicais, o que permite aos professores e alunos vivenciar bons momentos. Foi surpreendente perceber que a escola privilegia instrumentos musicais tradicionais, dando a possibilidade de trabalhar a nossa cultura musical de uma forma mais real e enriquecedora. Eu aproveitei a oportunidade de tocar bombos tradicionais durante as aulas e no Concerto de Natal.



Fig. 13: Alguns instrumentos musicais da sala 12

Na tabela 2 estão elencados os instrumentos, livros/manuais e equipamentos disponíveis na Escola Augusto Gil.

**Tabela 2. Lista de Instrumentos musicais/ Equipamentos disponíveis na sala de Educação Musical**

- |  |  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• 2 Adufes</li> <li>• 4 Pares de Baquetas para Tarola</li> <li>• 33 Pares Baquetas</li> <li>• 1 Bloco de 1 som</li> <li>• 3 Blocos de 2 sons</li> <li>• 1 Bombo</li> <li>• 5 Caixas Chinesas</li> <li>• 1 Caixa de Rufo</li> <li>• 2 Castanholas</li> <li>• 3 Cavaquinhos</li> <li>• 20 Pares de Clavas</li> <li>• 2 Congas</li> <li>• 1 Gaita-de-foles</li> <li>• 10 Guitarras</li> <li>• 10 Correias para Guitarra</li> <li>• 4 Guizeiras</li> <li>• 3 Maracas</li> <li>• 3 Jogos de Sinos</li> <li>• 1 Metalofone Soprano</li> <li>• 1 Metalofone Contralto</li> <li>• 3 Pandeiretas sem pele</li> <li>• 4 Pandeiretas com pele</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Piano Digital</li> <li>• 1 Piano <math>\frac{1}{4}</math> Cauda (na Sala Museu)</li> <li>• 3 Prato</li> <li>• 2 Reco-recos</li> <li>• 1 Tamborim</li> <li>• 7 Timbales</li> <li>• 6 Triângulos</li> <li>• 6 Xilofones Soprano</li> <li>• 5 Xilofones Contralto</li> <li>• 2 Xilofones Baixo</li> <li>• 10 Estantes</li> <li>• 3 Aparelhagens (1 em cada sala + 1 na Sala Museu)</li> <li>• 1 Computador</li> <li>• 28 Auscultadores</li> <li>• 1 Aquecedor a Óleo</li> </ul> <p><b>Livros:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Volta ao Mundo em 40 canções</li> <li>• Uma canção por semana</li> <li>• Canções de Festas + Livro de atividades</li> <li>• Canções de Natal + Livro de atividades</li> </ul> |
|--|--|

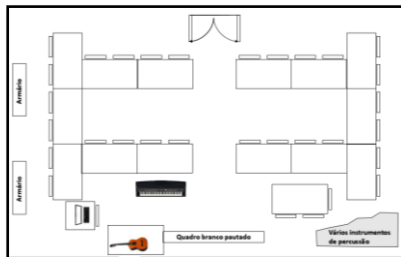


Fig. 14: Planta da Sala de Aula



Fig. 15: Sala de Aula

### 1.2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

A turma com a qual realizei a Prática de Ensino Supervisionada de 2º Ciclo foi o 6ºE. Inicialmente, a turma era constituída por 19 alunos e depois passou a ter 21, pois no 2º período chegaram duas novas alunas, transferidas de outras escolas. Os alunos tinham, em média, 12 anos de idade. Destes, 14 eram do sexo masculino e sete do sexo feminino. Três alunos frequentavam o Ensino Especial e três eram repetentes. A turma era relativamente mal comportada. Verifiquei, várias vezes, que, quando os alunos mais problemáticos não estavam na sala, a aula corria melhor. Sem as perturbações causadas por esses mesmos alunos, a turma mostrava-se mais unida.

Ao longo do ano, vários professores referiam-se à turma de 6ºE com alguma aversão e indignação por se tratar de alunos desinteressados e com dificuldades em cumprir as regras básicas de sala de aula (saber ouvir, estar em silêncio e interagir verbalmente de forma consciente). Muitos alunos recusavam-se a participar nas atividades e reagiam negativamente quando eram chamados à atenção. Penso que a rebeldia de certos alunos pode vir do meio familiar problemático, em que estão envolvidos. Apesar de ter alunos mal comportados, também tinha alunos muito interessados, que alegravam as aulas.



## **CAPÍTULO II – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

O início da Prática de Ensino Supervisionada foi, sem dúvida, um choque. Foi o meu primeiro contacto com o mundo do ensino e do ensino de Educação Musical. A falta de experiência, a insegurança e o nervosismo foram apenas alguns dos medos que tive de combater. O receio de errar para comigo e para com os meus professores também influenciou as minhas escolhas, inibindo-me ligeiramente. A fase inicial foi sem dúvida a mais complicada, até pela preocupação de passar uma boa imagem aos meus alunos e professores. Nesta fase, o apoio constante da minha família e das professoras supervisoras, Graça Palheiros e Ana Daniela Oliveira, foi essencial para continuar a minha formação enquanto docente estagiária.

Durante toda a prática, senti que uma das grandes dificuldades era executar sem falhas diversas tarefas em simultâneo, tais como o cumprimento dos objetivos, a realização de todas as atividades planificadas, o ensino dos conteúdos programados, a atenção nos alunos e ainda a gestão do tempo. Embora pareça fácil, a gestão do tempo destinado a cada atividade ou exercício foi uma das grandes problemáticas, pois queria executar tudo no tempo planificado, para não terminar antes, nem atrasar. No início, para além do tempo, a gestão que fazia do espaço da sala de aula também era limitada. Ao longo da prática, fui-me libertando do “espaço atrás da secretária” e comecei a circular mais pela sala, dando-me uma melhor perspetiva para poder dedicar a atenção que cada aluno precisava e, assim, ajudá-lo a ultrapassar as suas dificuldades. Conseguir ajudar individualmente cada aluno nem deixar os outros de parte foi uma tarefa difícil.

Além destas, outras das tarefas mais difíceis foi a escolha das atividades consoante os conteúdos que tínhamos programados. Todas as atividades e repertório musical resultaram de uma combinação de procuras intensivas.

Inicialmente, considerei o plano de conteúdos programáticos do 2º Ciclo, que está elaborado de acordo com o Programa de Educação Musical de 2º Ciclo (DGEBS, 1991a), bastante rigoroso e distante da ideia que eu tinha de Educação Musical. Ao longo das semanas, percebi que estava enganada e que todos os conteúdos eram essenciais para que os alunos ganhassem o mínimo de conhecimentos musicais na escola. Esse plano de conteúdos programáticos facilitou bastante a organização dos temas que tinha de abordar. Estava dividido pelos três períodos, por conteúdos (Timbre, as Dinâmicas, a Altura, o Ritmo e a Forma), com os seus respetivos sub-conteúdos e pelos respetivos níveis (do I ao XII). Cada um dos conteúdos possuía um determinado número de horas para ser trabalhado (Anexo 2.4.16).

O repertório que escolhi para trabalhar foi bastante diversificado, com o simples objetivo de proporcionar aos alunos maior contacto e experiências musicais. “Um repertório diversificado e experiências musicais reais de tipos muito diferentes, tornarão mais fácil a captação auditiva de música, nos seus vários aspetos” (Pedroso, 2003, p. 87). Apesar de todos os estilos de repertório trabalhado, os preferidos dos alunos foram o Pop e Rock, bem como canções que lhes eram familiares. As preferências musicais das crianças e jovens são influenciadas por múltiplos fatores: características da música (tempo, estilo, performance, complexidade e familiaridade), características pessoais (idade, sexo, treino musical, etc.) e fatores extramusicais (contexto social, agentes de socialização, efeitos de grupo e aculturação) (Palheiros, 2002, p. 43).

Apesar de todos os meus receios e anseios, estou convicta de que a Prática de Ensino Supervisionada no 1º e no 2º Ciclos será essencial para a minha vida profissional futura. Foi uma experiência de grandes aprendizagens proporcionada por todos os professores, mas particularmente pelo professor cooperante, Carlos Graciano, que se mostrou paciente e ao mesmo tempo rigoroso, semana após semana.

As reuniões de Seminário com o professor Carlos Graciano decorreram duas vezes por semana, à quarta e à quinta-feira. Foram tão importantes como

a Prática pois eram os momentos certos para discussão dos conteúdos a abordar nas aulas seguintes e para troca de ideias e sugestões para futuras atividades. O mesmo aconteceu nos seminários da professora Ana Daniela Oliveira, sempre que eu sentia necessidade. Para além dos Seminários, ainda pude tirar todas as dúvidas com professora Doutora Graça Palheiros, que estava sempre disponível para me ver crescer.

Em ambas as turmas, penso que consegui estabelecer uma boa relação com os alunos, mesmo com todas as dificuldades motivadas pelo comportamento. Senti várias vezes a necessidade de mostrar uma maior rigidez e assertividade na interação com os estudantes, quer nas chamadas de atenção, quer em conversas durante a aula, para assim obter respeito. Pinto (2004, p. 38) refere que “um ambiente de entreajuda, cooperação e amizade é propício às experiências mais fortes e duradouras, que torna a escola um espaço querido”. Durante os longos meses de trabalho com os alunos, cheguei a sentir desânimo e alguma frustração por não conseguir obter tudo o que pretendia. Porém, no final da Prática de Ensino Supervisionada, sinto nostalgia e saudades e prevalece o sentimento de missão cumprida. Consegui estabelecer relações afetivas e de carinho com os alunos, deixando-os mais interessados pela música.

Mediante os conteúdos programáticos, os conhecimentos dos alunos e das suas capacidades, fui-me adaptando e procurando novas estratégias, de forma a criar-lhes oportunidades musicais positivas. Sempre senti a responsabilidade e obrigação de procurar novas estratégias de ensino para melhorar a aprendizagem dos alunos. Estrela (1994) transmite a ideia de que um professor terá de ser um assistente e facilitador da aprendizagem, dinâmico, interventivo e estimulador do desenvolvimento cognitivo e socio-afetivo do aluno. Para mim, só assim faz sentido ser professora.

Junto da ideia anterior, o objetivo era manter os alunos sempre motivados para as aulas de Educação Musical, pois assim aprenderiam melhor. Uma das coisas que mais me surpreendeu pela negativa foi a minha chegada à Prática

de 1º Ciclo e sentir-me rejeitada por praticamente todos os alunos, porque diziam que não gostavam de música. O motivo desta repelência pela disciplina de música, talvez viesse de más experiências musicais, em anos anteriores. Portanto, sempre tentei ter o cuidado de manter todos os alunos motivados. Quando sentia que alguma coisa estava a ser maçadora para eles, tentava alterar a dinâmica ou o exercício em si. Por outro lado, quando verificava que estavam satisfeitos, isso trazia um impacto positivo na auto-estima do aluno, deixando-o ainda mais motivado. Esse é sem dúvida o melhor presente do ensino. Bento (2013, p.7) refere que “é esse o fim supremo da educação e da atividade do professor: inundar e sagrar os educandos de luz”.

Apesar de todos os esforços para motivar os alunos, houve momentos em que não obtive o resultado esperado. Tanto no 1º como no 2º Ciclo, tive alunos que se mostraram completamente desinteressados pela disciplina e pela escola, ao longo do ano. Por outro lado, felizmente, também tive alunos que participavam bastante. Sempre tentei oferecer a todos, as mesmas oportunidades de participar ativamente nas aulas e de se envolverem nas atividades propostas. Ainda assim, também tive situações de repreensão e chamadas de atenção para com determinados alunos, que geralmente eram os mesmos, e isso deixava-os ainda mais irritados, querendo provar-me que tudo lhes era indiferente, através da revolta e de más respostas. Muitas vezes questionava-me acerca da origem de todo o desinteresse destes alunos.

É difícil perceber quem deixou de acreditar primeiro: se foi a escola que deixou de acreditar neles, ou se foram eles que deixaram de acreditar na escola e neles próprios. Certo é que cabe à escola e aos professores, o papel de voltar a acreditar neles através de um verdadeiro trabalho de compaixão e paciência. Como refere Nóvoa (2009, p.4), “ensinar os que querem aprender nunca foi problema. Ensinar os que não querem aprender, essa sim, é a missão da pedagogia”. Todo o feedback positivo dado durante as atividades, acaba por melhorar a motivação, auto-estima e confiança dos alunos, tornando-se claro na sua postura e desempenho.

Uma das facilidades que tive durante a prática foi a elaboração das planificações, sendo habitualmente bastante completas e organizadas. A estrutura das minhas planificações, sempre foi semelhante, baseadas na disposição que nos foi proposta pelas professoras Graça Palheiros e Ana Daniela Oliveira nas unidades curriculares de este ano. Isto é: o *Tema* da aula, os meus *Objetivos*, os *Conteúdos*, as *Competências Específicas e Gerais*, as *Atividades*, os *Recursos*, as *Referências Bibliográficas/Web grafia*, os parâmetros de *Avaliação dos alunos* juntamente com uma tabela, a minha *Reflexão* da aula e os *Anexos*.

Cada aula tinha de estar de acordo com um conteúdo programático e ir ao encontro de pelo menos uma das áreas do Programa de Educação Musical do 2º Ciclo (DGEBS, 1991a), ou seja: 1) Composição, 2) Audição ou 3) Interpretação. Portanto, as planificações eram elaboradas de acordo com os conteúdos que ia lecionar na aula, com as áreas que pretendia trabalhar e ainda com as competências que pretendia melhorar nos alunos. Depois da planificação vem a prática e como diz Pessoa (1926, p. 131), “Toda a teoria deve ser feita para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria”. O Currículo Nacional do Ensino Básico (CNEB, 2001) refere as três grandes áreas da Música que Swanwick apresentou (Interpretação, Audição e Composição), mas de forma distinta: 1) Criação e experimentação, 2) Perceção sonora e musical, 3) Interpretação e comunicação, e ainda, 4) Culturas musicais nos contextos.



Fig. 16: Competências específicas de Educação Musical (CNEB, 2001)

Swanwick (1979) realça a importância de algumas atividades “periféricas” à experiência musical, alertando para o risco destas se tornarem predominantes e de se converterem num fim em si mesmas, quando deviam desempenhar um papel de suporte. O autor agrupa estas atividades periféricas em dois grandes grupos: “aquisição de competências” e “estudos literários” (Swanwick, 1979, pp. 44-45). Em relação às atividades que Swanwick refere, tentei alternar atividades de ambos os grupos, isto é, “na aquisição de competências” desenvolvi técnicas instrumentais, interpretativas e trabalhei a percepção auditiva. Mas também abordei a componente dos “estudos literários”, fazendo momentos de contextualização histórica. Criei apresentações Power Point com momentos de interação com questões, para tornar a aula mais interessante e ativa. O objetivo era manter os alunos mais atentos e não estarem só a ouvir-me. Penso que consegui um bom equilíbrio entre a componente teórica e a vivência prática, tornando-o essencial para o desenvolvimento musical dos alunos. Esta ideia de querer trabalhar ambos os grupos de Swanwick veio da professora Doutora Graça Palheiros, incentivando-nos a fazê-lo de forma interessante e produtiva para os alunos.

Em relação às três grandes áreas musicais, no 1º Ciclo, não trabalhei a Composição e criação por falta conhecimentos, sentindo-me menos à vontade. Já no 2º Ciclo tentei abordar as três áreas de forma semelhante mas acabei por dar mais destaque também à Interpretação e Audição. A Composição como ainda é uma área relativamente menos explorada por mim, ainda cria algum medo. Porém, se comparar o receio que tinha no início do ano com o sentimento atual, a Composição não é assim tão estranho, pelo contrário. Se for bem explorado e bem trabalho, poderão surgir atividades e produtos finais muito bons. Mudei a minha perspetiva graças às professoras supervisoras. Conheci e treinei diferentes exercícios de Composição nas aulas do mestrado, e graças a esse treino, perdi grande parte desse medo. Como refere Savater (2006, p. 33) “Para ser homem não basta nascer, é necessário também aprender”.

O principal e mais elaborado exercício de Composição que realizei no 2º Ciclo, foi o de criar pequenas partes melódicas e rítmicas, de forma a acompanhar uma melodia aprendida anteriormente. Sempre que apresentava um exercício de Composição, tentava esclarecer ao máximo os objetivos, delimitando a expansão de ideias que pudessem surgir. Era como se apresentasse um conjunto de regras para um jogo, pois a definição das tarefas em atividades de improvisação e composição deve ser cuidadosa. Tafuri (2006, p. 135) salienta a importância de estabelecer regras e delimitações neste tipo de atividades uma vez que a “extensão da ativação do potencial criativo das crianças depende da natureza das tarefas e da presença de restrições que não sejam demasiado prescritivas”.

Relativamente à Interpretação, foi trabalhada em praticamente todas as aulas. Em muitas aulas, antes de passar para a parte prática, começava com uma contextualização da canção, ou do autor, ou do estilo ou da época em questão, para os alunos ficarem mais familiarizados com o tema da aula. Posteriormente, ensinava através de imitação, usando a voz. Pessoalmente, e talvez porque sempre gostei de cantar, utilizei a minha voz ao máximo possível, explorando o melhor instrumento do ser humano. Em algumas aulas também me fiz acompanhar da guitarra para criar um suporte harmónico, deixando os alunos mais seguros musicalmente. Os alunos, aprendiam bastante rápido, quer usasse apenas a voz ou a voz e a guitarra. Ensinei todas as canções ou exercícios rítmicos, através da imitação e repetição, até memorizarem e serem capazes de executar e interpretar de forma autónoma. No caso da memorização rítmica, treinávamos com percussão corporal e só depois é que tocavam nos instrumentos.

Utilizei como estratégia a imitação por ser o que me pareceu mais eficaz, visto que os alunos não sabiam ler pautas. Considero mais relevante e produtivo trabalhar a musicalidade dos alunos através da memória auditiva, do que a partir da leitura musical. Sempre que ensinava alguma canção,

projetava no quadro a partitura para que pelo menos vissem o movimento das notas e fossem associando a melodia e o ritmo à pauta.

Sempre insisti para que na interpretação das canções que apresentávamos nos concertos, tentassem cantar e tocar de memória pois isso permite maior autonomia e expressividade na interpretação. Muitos deles acabavam por levar as letras para os concertos para maior segurança pois com os nervos, tinham medo de se esquecer das letras ou da forma das canções.

Por último, a área da Audição também foi uma área bastante trabalhada. No 1º Ciclo não foi tanto como no 2º. Como a turma de 1º Ciclo era problemática, considerava que os exercícios de Audição não iam ser bem-sucedidos. O que eles precisavam era de estar em constante trabalho de interpretação, para assim os cativar para as atividades. Daí ter trabalhado muito mais a área da Interpretação. Posto isto, e analisando o passado, se fosse agora teria feito algumas coisas diferentes. Teria arriscado mais e não teria desistido de certas atividades por causa do mau comportamento dos alunos.

No 2º Ciclo trabalhei a Audição de formas mais variadas, desde a audição ativa, audição para memorização e audição para perceberem diversos temas e conteúdos. Os exercícios de audição ativa serviam particularmente para eles acompanharem com ritmos, a própria canção que estavam a ouvir, com um prévio treino rítmico.

A audição contribui para o desenvolvimento dos indivíduos, nomeadamente para a memória musical, compreensão musical, apreciação musical, capacidade crítica e sentido estético. Pode desempenhar um papel importante no “desenvolvimento de competências específicas inerentes à prática musical” (Wuytack & Boal-Palheiros, 1995, p. 11). A audição musical deve ser parte integrante no ensino da educação musical, pois é importante saber cantar, tocar, dançar e improvisar mas também saber ouvir com atenção.



Como todas as situações de aprendizagem, a audição musical também implica um envolvimento ativo, consciente e experiencial. Para promover uma boa audição com maior concentração por parte dos alunos, tentei procurar várias ferramentas de captação de interesse através de propostas objetivas, tais como, entoar ou reproduzir o motivo e o tema; destacar células rítmicas e percutindo-as isoladamente para acompanhar a audição; identificar timbres, instrumentos e andamentos; utilizar o movimento livre para ajudar a vivenciar a pulsação, a dinâmica, altura do som; comparar diferentes interpretações ou arranjos da mesma obra; e como já referi, apresentar uma breve contextualização histórica da canção e dados biográficos do compositor (Wuytack & Boal-Palheiros, 1995). Considero este tipo de exercícios fantásticos e aprendi a trabalhar melhor neles, graças às Unidades Curriculares da professora Graça Palheiros, que sempre nos estimulou a trabalhar a audição ativa. Todas as audições praticadas tiveram o objetivo de ir ao encontro do conteúdo lecionado, servindo como forma de exemplo desse mesmo tema.

Em várias aulas de audição, um dos meus objetivos era que os alunos ouvissem, uma primeira vez, os temas e as canções, sem terem nenhum propósito, ou seja, apenas ouvirem, para permitir aos alunos o desenvolvimento da sua audição e um momento de apreciação musical. De seguida, voltávamos a escutar já com uma tarefa, para depois falar sobre o que se tinha ouvido, estabelecendo diálogo e discussões entre mim e os alunos. Sempre considerei este tipo de exercícios bastante positivo e com boa aderência dos alunos, pois também nos permitia trocar diferentes opiniões acerca da mesma interpretação, partindo do princípio que cada aluno pensa, sente e interpreta à sua maneira. Graças às fases deste tipo de exercícios, procurava trabalhar o saber ouvir e escutar com atenção. Brito (2003, p. 187) afirma que “escutar é perceber os sons por meio do sentido da audição, detalhando e tomando consciência do facto sonoro”.

Sempre tentei dar a máxima importância à Educação Musical, não só no ambiente escolar onde realizei as Práticas de Ensino Supervisionada, como também no meu dia-a-dia, pois a música exerce e favorece o desabrochar das crianças. “Ela dá a possibilidade de exploração e integração do mundo sonoro, permitindo a liberdade de expressão e criação” (Pahlen, 2003, p. 32). Para além de favorecer os alunos, também pode ser usada para proporcionar um ambiente mais receptivo entre os professores e os alunos.

Tocar um instrumento musical, cantar ou simplesmente ouvir música regularmente são algumas das atividades musicais que quando estimuladas, favorecem o desenvolvimento cognitivo das crianças. É importante que desde cedo, tenham contacto com a música, tanto em casa como na escola, e que frequentem ambientes musicais, nomeadamente concertos (Crease, 2008).

Numa das últimas aulas de 2º Ciclo, tratei esse mesmo assunto e guardei algum tempo para explicar e criar maior compreensão acerca do valor da música e de todos os benefícios que ela traz (físicos a psicológicos). Pahlen (2003) acrescenta a esta ideia, que a música na vida do ser humano é importante, por ser um elemento que auxilia o bem-estar das pessoas. Através dos exemplos que dei aos alunos, penso que eles perceberam que a música está presente em todo o lado, sem darmos conta (televisão, rádio, elevadores, lojas, rua, cinema, escola, entre outros). A música dá sentido a muitas situações, tais como por exemplo: a dança, o cinema e a publicidade. Com isto, apresentei-lhes um vídeo de animação de *Tom e Jerry* (criação de William Hanna e Joseph Barbera, 1941) sem som, e os alunos depressa disseram “*Não faz sentido nenhum ver o filme sem música*”. Para além destes exemplos, a música pode ser trabalhada também em diversas áreas da educação, como: Língua Portuguesa, Matemática, História e Geografia, Línguas Estrangeiras e Ciências.

A aprendizagem e a prática musical estimulam a coordenação, a capacidade de concentração, a cooperação com os outros e permite produzir algo para prazer do próprio e dos que o rodeiam. Paynter & Aston (2010) afirmam que

ouvir e fazer música proporciona um imenso prazer, desempenhando um papel cada vez mais importante na educação. O autor Vilela (2012) acrescenta que a música promove o desenvolvimento de competências musicais e simultaneamente um conjunto de competências sociais e humanas, essencialmente para um saudável crescimento humano e social das crianças e jovens.

Outro dos elementos que considerei muito importante na minha Prática foi a avaliação, pois permitiu-me fazer um balanço dos resultados das atividades trabalhadas, acompanhando os alunos no processo de aprendizagem (Roldão, 2003). No 1º Ciclo a avaliação era através de observação da evolução musical e comportamental dos alunos, sendo de carácter descritivo.

No 2º Ciclo, a avaliação foi diferente, constando as grelhas de avaliação por observação e também diversas fichas de trabalho. Avaliei os alunos semanalmente, de forma quantitativa através de uma grelha de observação criada por mim (Anexo 2.4.9). Os parâmetros de avaliação variavam de aula para aula, mas o modelo era semelhante para todas elas. Na Figura 20 apresento todos os parâmetros possíveis de avaliação que utilizei. Depois de seleccionar os parâmetros corretos, mencionava e distribuía a percentagem por eles, de forma a ficar equilibrado:

| Nº | Alunos | Material | Comportamento | Desempenho | Flauta | Voz | Instr. Orff | Audição | Comp/Impr | FINAL<br>100% |
|----|--------|----------|---------------|------------|--------|-----|-------------|---------|-----------|---------------|
|----|--------|----------|---------------|------------|--------|-----|-------------|---------|-----------|---------------|

Fig. 17: Os meus parâmetros de avaliação dos alunos

Outra forma de avaliação que utilizei bastantes vezes, foi a gravação em áudio e por vezes em vídeo, das canções aprendidas em cada aula. Assim, ao chegar a casa, através da gravação percebia mais facilmente e com outro tipo de atenção, os possíveis erros dos alunos (de afinação, instrumentação e até de comportamento e conversas), que em aula não eram tão perceptíveis porque estavam a acontecer várias coisas em simultâneo e poderia não me aperceber. Por vezes, também mostrava a gravação aos alunos para perceberem que ainda

havia aspetos a melhorar. Graças a todos estes parâmetros, fui examinando e refletindo de forma mais clara a evolução dos alunos. Ajudou-me a perceber a necessidade de uma constante renovação de estratégias bem como a descobrir lacunas e erros musicais que em aula não conseguia perceber. “O professor deverá gravar as realizações dos alunos para que se ouçam a si mesmos e promovam o seu próprio progresso no âmbito da criação e da interpretação” (DGEBS, 1991b, p. 10).

Os critérios de avaliação utilizados para a avaliação final de cada período eram discutidos em conjunto com o professor cooperante, Carlos Graciano, tendo em consideração os seguintes parâmetros:

| Instrumentos de Avaliação       |  |     |
|---------------------------------|--|-----|
| Interpretação e Comunicação     | Execução vocal e instrumental                            | 20% |
|                                 | Preparação e participação em espetáculos artísticos      | 20% |
| Criação e Experimentação        | Composição musical                                       | 5%  |
|                                 | Improvisação musical                                     | 5%  |
| Perceção sonora e musical       | Aplicação prática da simbologia e dos conceitos musicais | 20% |
| Culturas musicais nos contextos | Trabalhos de pesquisa e sistematização da informação     | 5%  |
|                                 | Relatórios de atividades e visitas de estudo             | 5%  |
| Comportamento e atitudes        |  | 20% |

Fig. 18: Critérios de avaliação dos alunos

Um dos bons motivos de realizar a Prática em conjunto com um colega, foi o facto de às vezes participarmos de forma ativa e musical nas aulas uns dos outros e nos concertos públicos (Natal, Páscoa e Fim de Ano). No 1º Ciclo, acompanhei algumas aulas da Rita com a guitarra, e ela acompanhou-me a mim com a voz. No 2º Ciclo, acompanhei a Joana com a guitarra e a voz, e ela acompanhou-me a mim com o ukulele. Esta troca musical trouxe mais qualidade às aulas em questão, deixando também os alunos mais motivados e interessados. A partilha musical entre colegas foi dos vários momentos altos da Prática pois é muito bom trabalhar em grupo e mostra cumplicidade entre nós, colegas de mestrado.

## 2.1. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 1º CICLO

*Tu ainda não sabes mas vais descobrir,  
Que o teu corpo é Música, ele vai-te divertir.<sup>1</sup>*

A Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo foi a minha primeira convivência como professora estagiária, em toda a minha vida. Na primeira aula senti um misto de emoções que ultrapassaram tudo o que eu tinha imaginado. Posso afirmar que foi uma aula que me deixou ainda com mais medos e inseguranças. Não correu como eu tinha pensado e deixou-me na dúvida se eu iria estar à altura do meu papel de professora. Passada a primeira semana, comecei a encarar esta experiência de forma diferente, fazendo-me repensar nas minhas ideias e agindo de forma diferente.

No decorrer das semanas, apercebi-me que os quatro meses de Prática iam ser escassos para fazer todas as coisas que tinha pensado. Foram apenas 13 aulas, em que duas delas foram ocupadas com as apresentações do Concerto de Natal e do Concerto Final. A luta para tentar cumprir aquilo que tinha planificado acabou por atravessar toda a Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo. Tendencialmente planifiquei sempre mais do que aquilo que consegui realizar. Por um lado isso permitia-me ter atividades alternativas preparadas, caso fosse necessário substituir alguma que não funcionasse tão bem.

---

<sup>1</sup> Excerto da canção “O Teu Corpo é Música” do livro *Pequenos Músicos*, que foi uma das primeiras que ensinei a minha turma, levando-os a começar a interessar-se e a gostar de música.

Tabela 3: Cronograma da Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo (2017/2018)

| Aula     | Datas         | Sumário das Atividades  | Competências  |
|----------|---------------|---|---------------|
| <b>0</b> | 04/10         | Observação  |               |
| <b>0</b> | 11/10         | Observação  |               |
| <b>1</b> | 18/10         | Exercício de imitação rítmica;<br>Apresentação da professora e dos alunos com exercícios rítmicos corporais, mantendo uma pulsação;<br>Ensino e montagem da canção “Se o Gato Soubesse” com acompanhamento de instrumental áudio (gravado). | Interpretação |
| <b>2</b> | 25/10<br>SUP. | Continuação do ensino da canção “O Teu Corpo é Música” com acompanhamento da guitarra;<br>Realização do Jogo da Estátua.  |               |
| <b>3</b> | 08/11         | Consolidação e gravação da canção da aula anterior: “ <i>O Teu Corpo é Música</i> ”.<br>Criação de pinturas relacionadas com a audição de várias músicas.   | Audição       |
| 15/11    |               | GREVE   |               |
| <b>4</b> | 22/11         | Aprendizagem do primeiro tema <i>O Nascimento de Jesus - Cantata de Natal</i> de Jos Wuytack e gravação da mesma.   | Interpretação |
| <b>5</b> | 29/11         | Revisão do tema <i>O Nascimento de Jesus</i> da <i>Cantata de Natal</i> de Jos Wuytack.<br>Aprendizagem do tema <i>O Presépio</i> da <i>Cantata de Natal</i> de Jos Wuytack.<br>Gravação da canção anterior.                                |               |
| <b>6</b> | 06/12         | Revisão das músicas da Cantata para o Concerto de Natal.  |               |

|               |            |  |                         |
|---------------|------------|--|-------------------------|
| 13/12         |            | CONCERTO DE NATAL (às 14:30h na Igreja de Paranhos)  |                         |
| 16/12 – 02/01 |            | FÉRIAS DE NATAL  |                         |
| 7             | 03/01      | Aprendizagem da canção <i>Kokoleoko</i> juntando-a a um jogo de palmas;<br>Gravação em vídeo da canção anterior.   | Audição e Interpret.    |
| 8             | 10/01      | Revisão e consolidação da canção <i>Kokoleoko</i> ;<br>Aprendizagem da canção <i>Cânone do Pirilampo</i> ;<br>Gravação de ambas as canções.  | Interpretação           |
| 9             | 17/01      | Revisão da canção tradicional do Gana <i>Kokoleoko</i> com o jogo de palmas;<br>Aprendizagem da canção tradicional da Rússia <i>Jimba Papalusjka</i> ;<br>Aprendizagem por alto da canção tradicional do Japão <i>Yamanô</i> . | Audição e Interpretação |
| 10            | 24/01      | Revisão da canção <i>Kokoleoko</i> , <i>Jimba Papalusjka</i> e <i>Yamanô</i> .<br>Aprendizagem da canção tradicional do Brasil, <i>Mas que nada</i> .  | Interpretação           |
| 11            | 31/01 SUP. | Aprendizagem da canção tradicional portuguesa, <i>Os olhos da Marianita</i> .<br>Revisão de todas as canções aprendidas para o teatro musical.   |                         |
| 12            | 06/01      | Ensaio geral do Teatro Musical “Viagem pelo Mundo”.  |                         |
| 13            | 07/02      | APRESENTAÇÃO DO TEATRO MUSICAL “VIAGEM PELO MUNDO”   |                         |

No primeiro período foquei-me em duas coisas: conseguir trabalhar de forma organizada com a turma (visto que era uma turma complicada e irrequieta), e tentar trabalhar a minha segurança na interpretação musical. Já no segundo período, foquei-me mais no trabalho do Concerto Final.

Foi no 1º Ciclo onde senti maior liberdade na escolha dos temas e canções a desenvolver com os alunos, devido a não seguir uma ordem específica de

lecionação dos conteúdos. Foi também, onde utilizei com mais frequência atividades com movimento, tanto de Interpretação como Audição, através de jogos dinâmicos de grupo. Sempre que pretendia fazer atividades com movimento, dirigíamo-nos para o pavilhão desportivo da escola para termos mais espaço.

No decorrer do semestre utilizei várias estratégias para captar a atenção dos alunos e o comportamento mudou muito pouco mas passei a conseguir trabalhar de uma forma mais produtiva. Isto é, desde dar um “prémio” com a execução do jogo da Estátua, caso se portassem bem; o facto de ensinar uma nova canção também os motivava pois estavam sempre curiosos por aprender as novas músicas, e sempre que tínhamos tempo, cantávamos uma das canções que eles mais gostavam no final da aula. Isto servia como revisão e consolidação da canção e como forma de recompensa.

Houve uma aula em que os alunos estavam muito agitados e eu tentei captar a atenção deles como a ideia de que se cantassem bem as músicas que eu levasse para a aula, no final do ano, dar-lhes-ia um CD gravado com todas as canções aprendidas (Anexo 1.4.1). Eles ficaram muito entusiasmados e começaram logo a fazer questões *“músicas só nossas, como fazem os famosos?”* ou *“e podemos levar para casa para mostrar aos nossos pais?”*. Eu aproveitei esse momento de atenção para levá-los ao exercício que pretendia trabalhar. No final da Prática não podia falhar com a minha palavra e gravei o CD com as canções aprendidas. Os alunos ficaram muito felizes por este presente e eu própria gostei de vê-los contentes, porque certamente ficaram com uma boa recordação minha.

O facto de termos realizado dois Concertos em tão pouco tempo de Prática teve consequências positivas mas também negativas. As negativas foram pelo facto de termos de disponibilizar bastantes aulas para ensaiar as canções. As positivas, foi que graças aos concertos tivemos a possibilidade de experimentar situações novas e tivemos de trabalhar em conjunto com outros professores de



outras turmas, bem como com a comunidade exterior da escola (familiares, Encarregados de Educação, professores e alunos de outras escolas).

Para o Concerto de Natal, treinarmos todos os alunos da escola de São Tomé. O Concerto foi realizado na Igreja de Paranhos juntamente com alunos da Escola da Agra, que era onde estavam a lecionar os nossos restantes colegas estagiários. Baseou-se, por sugestão da professora Graça Palheiros, na apresentação da Cantata de Natal do pedagogo Jos Wuytack. Dividimos a Cantata pelas duas escolas, sendo que a Escola de São Tomé interpretou “O Nascimento de Jesus – Linda Noite” e “O Presépio - Bendito sejais”. As turmas da Escola da Agra ficaram com as canções “Os pastores – pastorinhos do deserto” e “Os reis – os três reis magos”. Foi um concerto em que os alunos apenas prepararam a parte vocal. Nós, os professores estagiários ficamos com toda a parte instrumental, acompanhando com piano, flauta transversal, percussão e instrumental Orff (Anexo 1.2.).



Fig. 19: Concerto de Natal na Igreja de Paranhos

Depois de regressar das férias de Natal, deparei-me com uma surpresa por parte de um grupo de alunos da minha turma. Estes reuniram-se durante alguns intervalos, de forma autónoma e criaram uma coreografia para uma das canções apresentadas no Concerto de Natal, a canção “O Nascimento de Jesus - Linda Noite” (Anexo 1.2.2). Foi sem dúvida muito engraçado como é que duas canções tiveram tanto impacto nos alunos. Foi por essa altura que a turma ficou muito melhor a nível de comportamento, de concentração e de motivação para a música. Graças ao Concerto de Natal, os alunos perceberam

que a música nos faz sentir incrivelmente bem, levando-os a ficar orgulhosos de eles mesmos, perante todos os que estiveram presentes. Gostei muito da surpresa dos alunos, fazendo-me sentir reconhecida pelo trabalho daquelas últimas semanas.

As últimas seis aulas da Prática de 1º Ciclo foram essencialmente para trabalhar no Concerto final. Este baseou-se na sugestão da professora Ana Daniela Oliveira, em criarmos um projeto interdisciplinar. O objetivo era trabalharmos a música juntamente com outra área disciplinar para ganharmos mais conhecimentos e criarmos maiores relações com os professores da escola. Graças à ideia, da professora titular da turma, ligarmos a música à Geografia, a vários países, aos continentes e a diferentes culturas.

Foi uma ideia que me despertou interesse e me motivou para começar logo na aula seguinte a trabalhar nisso. Juntamente com a minha colega Rita, decidimos juntar as nossas turmas para o projeto e realizar um teatro musical, onde se cantariam músicas de diferentes países. As canções escolhidas foram o *Jimba Papalusjka* (Rússia), *Yâmano* (Japão), *Kokoleoko* (Gana), *Mas que Nada* (Brasil) e *Os Olhos da Marianita* (Portugal). Ao longo das semanas, fomos compondo pequenos acompanhamentos para as canções. Os acompanhamentos eram para guitarra, flauta transversal, xilofones, bongós, maracas e bombo. Depois disso, também criamos uns passos de dança para as canções, o *Jimba Papalusjka* e *Kokoleoko*. Para além das canções cantadas, tocadas e dançadas, ainda fizemos um guião teatral para dois alunos representarem, que foram as personagens que faziam a “Viagem pelo Mundo”, daí o título da nossa peça (Anexo 1.3.). A ordem da peça musical foi a seguinte, com os respetivos instrumentos:

1. *Jimba Papalusjka*: com dança , áudio, Bombo, Bongós e 2 Xilofones;
2. *Yamanô*: Áudio, Flauta transversal e Bongó;
3. *Kokoleoko*: com jogo de palmas, dança e Guitarra;
4. *Mas que nada*: Guitarra e Maracas;
5. *Os olhos da Marianita*: Áudio, Guitarra e Bombo.

Em todas as aulas, tive o cuidado de trabalhar a memorização de todas as canções. A qualidade musical e comportamental não foi perfeita mas o facto de ter conseguido montar uma peça teatral, com cinco músicas diferentes que foram ensinadas e trabalhadas em tão pouco tempo, foi muito bom. Foi sem dúvida, muito importante elaborar um projeto dessa dimensão, para nos integrarmos melhor na escola, para dar mais responsabilidades aos alunos e para nós próprios nos sentirmos mais motivados.



Fig. 20: Imagens do Concerto Final no Pavilhão desportivo da Escola

Os alunos pensavam que iriam ter música até ao final do ano mas quando dei a notícia de que iria terminar após a festa da “Viagem pelo Mundo”, muitos deles ficaram tristes, demonstrando-o de forma carinhosa. Durante a Prática de Ensino Supervisionada de 1º Ciclo, especialmente no início, estava convencida de que eles não gostavam de música, nem de mim. Mas isso mudou e a ternura que eles me transmitiram foi muito importante e gratificante pois senti-me valorizada. Tinha conseguido transmitir aos alunos aquilo que eu mais desejava: o amor pela música. Consequentemente, eles despertaram e mostraram-me o lado bom de ensinar.



Fig. 21: Dia de Despedida

## 2.2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA NO 2º CICLO

A Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo realizou-se durante cerca de nove meses, na Escola Augusto Gil e devo referir que uma das coisas que simplificou este estágio foi a atenção, a simpatia e a preocupação por parte de toda a comunidade escolar, nomeadamente colegas professores e o professor cooperante Carlos Graciano, que tanto admiro.

Em comparação à Prática de Ensino Supervisionada de 1º Ciclo, esta foi mais desafiante e estava de certa forma mais insegura. O facto de não ter nenhuma experiência na docência foi igual para ambas as práticas mas neste caso, sentia-me com dúvidas acerca das minhas competências musicais e pedagógicas pois não possuía tanta liberdade na realização de atividades como acontece no 1º Ciclo.

Esta prática iniciou-se com duas aulas de observação e duas de cooperação, onde pude tirar algumas conclusões importantes para toda a prática que se iria seguir. Verifiquei e aprofundei as primeiras impressões acerca da minha turma, como sendo ligeiramente mais baixa a nível de conhecimentos, capacidades e relativamente mal comportada, em comparação com as turmas dos meus colegas. Atribui um elevado grau de importância às aulas de observação pois foram as minhas primeiras assistências de outros professores a lecionar no 2º Ciclo. Realizado o período de observação, comecei então a lecionar de forma autónoma e com bastante receio em algumas coisas. Alguns desses receios foram: o facto de pensar que não conseguiria expressar-me corretamente para a turma e de forma afirmativa; também tinha alguma preocupação na duração das atividades pois não devia acabar as atividades antes de tempo senão teria de improvisar, mas rapidamente percebi que o tempo passa a voar.

Procurei, dentro do cumprimento das planificações, ser flexível e manter um equilíbrio entre a transmissão dos conhecimentos e o nível dos alunos,

tentando moldar-me e adaptar-me ao ritmo de aprendizagem. Tive de explicar diversas vezes e de forma variada a mesma coisa para os alunos perceberem, mas considero que só desta forma se vai ao encontro das necessidades dos alunos, vem como ao sucesso das atividades propostas.

Realizei a prática educativa no período da tarde, com dois blocos de 50 minutos, intercalados por um intervalo de 10 minutos. O facto de a aula ser da parte da tarde trouxe algumas complicações pois os alunos vinham sempre mais agitados e desconcentrados para a aula. Essa agitação também se fazia sentir mais no segundo bloco da aula.

Tabela 4: Cronograma da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo (2017/2018)

| <b>Aula</b> | <b>Datas</b> | <b>Canção</b>                                 | <b>Sumário das Atividades</b>  | <b>Compe-<br/>tências.</b> |
|-------------|--------------|---|--|----------------------------|
| <b>0</b>    | 12/10        | Observação                                    |  |                            |
| <b>0</b>    | 19/10        | Observação                                    |  |                            |
| <b>1</b>    | 26/10        | Jimba<br>Papalusjka                           | Apresentação da professora e dos alunos com exercícios rítmicos corporais;<br>Forma Binária AB;<br>Ensino e montagem da canção.  | Interpretação e Audição    |
| <b>2</b>    | 02/11        | Carmina<br>Burana: O<br>Fortuna<br>&<br>Truth | Expressividade através da seleção tímbrica;<br>Audição de vários exemplos;<br>Aprendizagem da melodia principal de “Game Of Thrones” na flauta;<br>Aprendizagem e montagem da canção de Carl Orff na flauta. |                            |
| <b>3</b>    | 09/11        | Carnaval<br>dos<br>Animais:<br>Final          | Continuação da aula anterior:<br>expressividade através da seleção tímbrica;<br>Audição da peça de Camille Saint Saens e identificação dos instrumentos musicais e dos animais em cada movimento da obra.    |                            |

|               |               |  |  |   |
|---------------|---------------|--|--|---|
| 4             | 16/11<br>SUP. | Senhor<br>Galandum   | Dinâmica: Densidade sonora;<br>Audição de várias peças musicais.<br>Composição sonora para<br>acompanhamento da história <i>Espelho<br/>Mágico</i> ;<br>Aprendizagem do tema em mirandês<br>de Galandum Galundaina.  | Interpretação,<br>Audição e<br>Composição |
| 5             | 23/11         | Senhor<br>Galandum<br>&<br>Está a<br>Chegar o<br>Natal   | Realização de exercícios escritos e<br>auditivos sobre altura: Intervalos<br>(melódicos e harmónicos) e Acordes;<br>Continuação da aprendizagem da<br>canção em mirandês;<br>Aprendizagem da canção <i>Santa Claus<br/>Is Coming to Town</i> na versão<br>portuguesa: Está a Chegar o Natal. | Interpretação e<br>Audição                |
| 6             | 30/11         | Natal na<br>China<br>&<br>Raio de Sol  | Ritmo: Síncopas;<br>Revisão das canções da aula anterior;<br>Aprendizagem das canções de José<br>Galvão.   | Interpretação                             |
| 7             | 07/12         | Senhor<br>Galandum,<br>Está a<br>Chegar o<br>Natal,<br>Natal na<br>China, Natal<br>no Brasil,<br>Natal na<br>África e Raio<br>de Sol | Forma Estrófica (AAA...);<br>Revisão das canções de Natal para a<br>festa de final de período  |   |
| 13/12         |               | CONCERTO DE NATAL (na sala museu às 19h)   |  |   |
| 8             | 14/15         |  | Autoavaliação dos alunos;<br>Análise e reflexão acerca do concerto<br>de Natal.  | Audição                                   |
| 16/12 – 02/01 |               | FÉRIAS DE NATAL  |  |   |
| 9             | 04/01         | Siyahamba  | Timbre – Fusão de timbres e de<br>estilos;<br>Audição de exemplos;<br>Aprendizagem da canção Tradicional<br>de Zulu com flauta e instrumento Orff.   | Audição e<br>Interpret.                   |

|               |            |                                   |  |                              |
|---------------|------------|-----------------------------------|--|------------------------------|
| <b>10</b>     | 11/01      | Siyahamba                         | Revisão e consolidação da canção da aula anterior;<br>Revisão das Dinâmicas: <i>fff</i> até <i>ppp</i> ; <i>staccato</i> e <i>legato</i> ;<br>Dinâmica: <i>acentuação</i> e <i>sforzando</i> .<br>Improvisação de “Chuva sonora” com material reciclado. | Interpretação e Composição   |
| <b>11</b>     | 18/01      | A Moda da Rita                    | Altura: Escalas maiores e menores;<br>Aprendizagem da canção tradicional portuguesa com instrumental áudio.  | Audição e Interpret.         |
| <b>12</b>     | 25/01      | A Moda da Rita                    | Continuação da aula anterior;<br>Ritmo: Grupos de figuras numa pulsação.   | Interpret.                   |
| <b>13</b>     | 01/02      | Somewhere Over the Rainbow        | Forma Ternária;<br>Aprendizagem da canção para voz e flautas de bisel.   | Audição e Interpret.         |
| <b>14</b>     | 08/02      | All Star                          | Timbre: Pontilhismo Tímbrico;<br>Realização do “Jogo dos Planetas” com percussão corporal;<br>Audição ativa da canção, com flautas de bisel e ritmos corporais.  | Interpret. e Composição      |
| 12/02 – 16/02 |            | FÉRIAS DE CARNAVAL                |  |                              |
| <b>15</b>     | 22/02      | Purple Rain                       | Dinâmica: Densidade Sonora;<br>Audição de exemplos;<br>Aprendizagem da canção em flautas de bisel, xilofones e voz.  | Audição e Interpret.         |
| <b>16</b>     | 01/03      | Purple Rain & Dó Maior e Dó menor | Continuação da aprendizagem da canção da aula anterior;<br>Altura - Acordes maiores e menores;<br>Aprendizagem da canção de José Carlos Godinho.   | Interpret.                   |
| <b>17</b>     | 08/03      | Alma Mater                        | Ritmo: Tempos de divisão binária e ternária;<br>Aprendizagem da canção de Moonspell.   | Audição, Interpret. e Compo. |
| <b>18</b>     | 15/03 SUP. | Ah! Vous dirai-je Maman           | Forma: Variações;<br>Aprendizagem da canção de Mozart para uma audição ativa.  | Audição e Interpret.         |

|                      |            |   |  |                            |
|----------------------|------------|---|--|----------------------------|
| <b>19</b>            | 22/03      |   | Ficha de trabalho para revisão dos conteúdos;<br>Autoavaliação dos alunos.   |                            |
| <b>22/03</b>         |            | <b>CONERTO DE PÁSCOA (INTER-TURMAS) às 9:30 na Sala Museu</b> |  |                            |
| <b>26/03 – 06/04</b> |            | <b>FÉRIAS DE PÁSCOA</b>                                       |  |                            |
| <b>20</b>            | 12/04      | Quinta da Amizade   | Timbre: Alteração tímbrica;<br>Audição da <i>Quinta da Amizade</i> de Jorge Sagueiro;<br>Dinâmica: Textura fina e densa.   | Audição e Interpret.       |
| <b>21</b>            | 19/04      | Erva-cidreira & Alma Mater                                    | Altura: Melodia acompanhada de acordes;<br>Aprendizagem do Cante Alentejano;<br>Revisão da canção de Moonspell.  | Interpretação              |
| <b>22</b>            | 26/04      | Perdóname Alma Mater, Cantiga da Burra                        | Ritmos Pontuados;<br>Audição ativa da canção de Pablo Alborán e Carminho;<br>Revisão da canção de Moonspell;<br>Aprendizagem de uma nova canção de Galandum Galundaina.          |                            |
| <b>23</b>            | 03/05      | Alma Mater, Cantiga da Burra e Purple Rain                    | Dinâmicas e efeitos expressivos;<br>Timbre: Expressividade através da seleção tímbrica (vocal);<br>Ensaio das canções para a festa final de ano.                                 | Interpretação e Audição    |
| <b>24</b>            | 10/05 SUP. | Alma Mater, Cantiga da Burra, Purple Rain                     | Forma: Partes da música;<br>Exercício de expressão e ilustração gráfica de diferentes partes da música;<br>Ensaio das canções para a festa final de ano.                         |                            |
| <b>25</b>            | 17/05      | O Amor é Assim & Família                                      | Altura: Melodia acompanhada;<br>Composição e criação de acompanhamentos para uma melodia;<br>Ensaio das canções da aula anterior;<br>Aprendizagem de novas canções para a festa. | Interpretação e Composição |



|           |       |  |   |                         |
|-----------|-------|--|---|-------------------------|
| <b>26</b> | 24/05 | Alma Mater, Cantiga da Burra, Purple Rain, O Amor é Assim, Família | Ritmo: Compassos Compostos;<br>Ensaio das canções para a festa de final de ano.           | Interpretação           |
| 01/06     |       | FERIADO – Dia do Trabalhador                                       |   |                         |
| <b>27</b> | 07/06 | Alma Mater, Cantiga da Burra, Purple Rain, O Amor é Assim, Família | Forma: Valor e importância da Música;<br>Ensaio das canções para a festa de final de ano. | Audição e Interpretação |
| <b>28</b> | 14/06 | Alma Mater, Cantiga da Burra, Purple Rain, O Amor é Assim, Família | Autoavaliação dos alunos.<br>Ensaio geral para o concerto de final de ano.                | Interpretação           |
| 14/06     |       | CONCERTO FINAL DE ANO (às 19h na Sala Museu)                       |   |                         |

No decorrer desta prática pedagógica foram realizadas e desenvolvidas várias atividades, as quais planifiquei cuidadosamente, sempre em função dos conteúdos e dos alunos, desde cantar, fazer percussão corporal, exercícios de audição e jogos musicais.

Em alguns temas, parti da teoria para a prática, noutros, da prática para a teoria, de forma a obter melhores resultados e um maior feedback por parte dos alunos. No entanto, e na maior parte dos casos, concordo mais com o método da “prática à teoria”, identificando-me mais pessoalmente com esta

forma de trabalhar. Fiz com que todos os conteúdos teóricos se fizesse acompanhar de um exercício prático para consolidar e trabalhar de forma mais musical esse mesmo tema. Por exemplo, os *Compassos simples e compostos* são sempre um conteúdo relativamente mais teórico, mas posteriormente à explicação teórica, apresentei exemplos musicais. Ou por exemplo, quando abordei os *Acordes*, depois de explicar a diferença entre os tons e meios-tons, ensinei a canção “Dó Maior e Dó menor” de José Carlos Godinho.

O manual adotado pela escola foi o *Música 6 – Santilhana* de José Carlos Godinho. O manual está organizado de uma forma simples e com informação concisa. As propostas de atividades têm um grau de dificuldade adequado à idade dos alunos e são interessantes. A sua estrutura está dividida em seis capítulos, aumentando progressivamente a sua complexidade. Em cada capítulo são abordados todos os conteúdos do Programa. O seu formato é bastante próximo ao Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2º Ciclo – Vol. I (DGEBS, 1991a), convertendo a tabela de conteúdos organizados por níveis numa sequência de aulas. No final de cada capítulo, apresenta pequenos exercícios de consolidação das aprendizagens, com atividades de Interpretação, Composição e Análise visual (por exemplo bandas desenhadas).

Apesar de existir um manual, os professores deram-me liberdade total para escolher outro tipo de repertório e atividades que não estivessem no livro. Apenas devíamos recorrer a ele algumas vezes para que os alunos pudessem utilizá-lo, visto que grande parte dos alunos o tinha adquirido. Eu pessoalmente sempre tive a intenção de usar o manual o mínimo de vezes possível para transmitir independência. Cheguei a utilizar o manual (Godinho, 2017) para trabalhar quatro canções: *Palladio* de Karl Jenkins (p.45), *Over the Rainbow* de Harold Arlen (p.47), *Dó Maior e Dó menor* de José Carlos Godinho (p.57) e o *Carnaval dos Animais: Final* de Camille Saint-Saens (p.76). Porém, devido à falta de experiência e de conhecimentos próprios, recorri a atividades e canções de outros livros e manuais. Essas sugestões dos manuais foram uma ferramenta útil de trabalho e uma fonte de inspiração

para algumas das atividades que desenvolvi. Penso que abordei de forma correta todos os conteúdos programados, ao longo dos três períodos, de forma a transmitir as competências essenciais da Educação Musical.

Em relação ao repertório abordado, procurei apresentar um pouco de todos os estilos para dar a conhecer mais aos alunos. Alguns exemplos são: Música Tradicional Portuguesa (*A Moda da Rita, a Erva-cidreira, O Senhor Galandum e a Saia da Carolina*); Música Erudita (*Carmina Burana: Fortuna* de Carl Orff, *Ah! vous dirai-je, maman* de Mozart, *9ª Sinfonia* de Beethoven, o *Carnaval dos Animais: Final* de Camille Saint-Saens e *Palladio* de Karl Jenkins); música pop (*Purple Rain* de Prince *Perdóname* de Pablo Alborán, *O Amor é assim* de Carminho); música rock (*Alma Mater* de Moonspell); fado (*A Chuva* de Mariza) e ainda apresentei temas para exercícios mais curtos como por exemplo: *A Quinta da Amizade* completa, o tema de *Game of Thrones*, o *Jimpa Papalujka* e canções didáticas e de Natal.

No início do ano soubemos de algumas atividades que deveríamos realizar, tais como o concerto de Natal e o concerto Fim de ano. Porém, foram surgindo novas atividades e experiências, tais como o concerto de Páscoa e as Provas de Aferição das turmas de 5º ano, onde fomos “professores aplicadores”. Todas estas atividades e projetos foram enriquecendo a minha experiência como professora estagiária, pois não queria de todo limitar-me ao tempo que decorre dentro da sala de aula. A oportunidade de expandir horizontes por toda a escola é muito gratificante e deu-me uma maior motivação para a Prática.

Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada do 2º Ciclo notei uma grande diferença e melhoria na minha assertividade e confiança perante a turma e até diante de alunos de outras turmas com quem tive oportunidade de manter contacto. Senti mais facilidade em motivar e estabelecer o diálogo com os alunos de 2º Ciclo, comparando com os de 1º Ciclo, talvez por passar mais tempo com eles.

No que diz respeito às apresentações públicas, o concerto de Natal realizou-se no dia a 13 de dezembro, tendo lugar na Sala Museu da escola, pois é o local com maior capacidade de acolher pessoas e com boa qualidade sonora. Contamos com a presença de Encarregados de Educação, familiares, funcionárias, professores e alunos.

Tive a preocupação de dar a conhecer diferentes culturas musicais, daí ter escolhido uma canção mirandesa para apresentar. O interesse de dar a conhecer música mirandesa vem das minhas origens de Miranda do Douro. Por isso escolhi “O Senhor Galandum” de Galandum Galundaina como uma das canções a apresentar no concerto de Natal. Os alunos aderiram muito bem à letra em mirandês da canção e à própria apresentação da cultura. Obtive sempre feedbacks positivos acerca desta canção, desde a linguagem, a cultura que eles achavam interessante e até ao facto de terem a possibilidade de tocarem instrumentos musicais tradicionais (bombos), que raramente acontecia. Portanto as canções preparadas pela turma 6ºE para a comemoração do Natal foram “Senhor Galandum” de Galandum Galundaina sendo cantada em mirandês e “O Natal está a Chegar” (Versão portuguesa de “Santa Claus It’s Coming to Town de J. Fred Coots e Haven Gillespie mas com a letra de Aline Barros). Para além destas duas canções, o concerto teve um momento em que reuniu as quatro turmas dos professores estagiários (alunos da ESE) onde interpretaram mais quatro canções, de um teatro musical, original do José Galvão, intitulada “A Magia do Natal”.

O concerto começou com uma surpresa para os alunos pois desconheciam que nós, os professores, íamos apresentar também um momento musical. Consistiu na apresentação de duas músicas: “Os Pastores” da Cantata Jos Wuytack e o “Natal em Elvas” (Tradicional Portuguesa). O concerto demorou cerca de uma hora e meia e a ordem das canções foi a que estipulamos previamente, ou seja:

1. Professores: *Os Pastores* de Cantata de Natal Jos Wuytack;
2. Professores: *Natal em Elvas*, Tradicional Portuguesa;
3. Ricardo (6ºF) *Digo-Dai* de Fernando Lopes Graça;
4. Ricardo (6ºF) *Olha a Laranja* de Fernando Lopes Graça;
5. Dança de uma aluna do 6ºB (Matilde);
6. Rita (6ºA) *Cânon* de Pachelbel;
7. Rita (6ºA) *White Christmas* de Irving Berlin;
8. Joana (6ºB) *Um presente especial* do manual 100% Música 6;
9. Joana (6ºB) *Porque é Natal* de Pedro Ramos;
10. Quinteto de alunos do 6º A: piano, timbalão, bombo e vozes;
11. Jenifer (6ºE) *Senhor Galandum* de Galandum Galundaina;
12. Jenifer (6ºE) *Está a Chegar o Natal* de Aline Barros;
13. As quatro turmas *Natal no Brasil* de José Galvão;
14. As quatro turmas com 2 solistas, *Natal em Portugal* de José Galvão;
15. As quatro turmas *Natal na China* de José Galvão;
16. As quatro turmas *Natal em África* de José Galvão.

Em suma, o concerto correu muito bem e o feedback por parte do público também foi bastante positivo. No que diz respeito aos alunos, estes demonstraram que não é fácil mantê-los organizados e calmos num momento de grande nervosismo e excitação. Outros aspetos positivos do concerto foram o facto de ter corrido praticamente tudo como tínhamos planeado e combinado com as turmas, desde a ordem das músicas, as partes instrumentais tocadas pelos alunos, a afinação e a boa disposição de todos.

O facto de termos colaborado com o professor Carlos na elaboração dos cartazes (2.1.2), na elaboração do guião das canções, na montagem do palco e das cadeiras, fez com que me sentisse mais cativada e integrada na escola. Naturalmente, considero que foi essencial estar tão por dentro de tudo porque era o primeiro concerto organizado e executado por nós. Para além disso, fomos posteriormente reconhecidos pela escola tendo lugar no jornal da escola com uma notícia (Anexo 2.1.2.1).



Fig. 22: Imagens da notícia do jornal da escola acerca do concerto de Natal

Concluindo, senti um profundo orgulho no desempenho de todos os alunos, em especial dos meus. Toda esta prática pública, foi uma experiência muito enriquecedora e gratificante. Felizmente conseguimos filmar o espetáculo completo, para um dia mais tarde recordarmos (Anexo 2.1.2).



Fig. 23: Preparação do concerto de Natal



Fig. 24: Apresentação da turma 6ºE

A seguinte apresentação pública que realizamos foi o concerto de Páscoa Inter-turmas. Realizou-se no dia 22 de março, também na sala Museu. As nossas turmas não participaram pois foi uma pequena apresentação organizada por alguns alunos da turma 6ºA. Estes decidiram juntar-se para apresentar algumas músicas e danças a outras quatro turmas da escola. Nós, os quatro estagiários decidimos apresentar duas canções, “A Saia da Carolina”

na versão de Ana Moura e “Todas as Ruas de Amor” de Flor-de-Lis. A ordem das canções do concerto foi:

1. Professores: “A Saia da Carolina”, versão de Ana Moura;
2. Professores: “Todas as ruas de amor” de Flor-de-Lis;
3. Alunos: “Wreking Ball” de Miley Cyrus;
4. Alunos: “Wolves” de Selena Gomez;
5. Alunos: “Havana” de Camilla Cabello;
6. Alunos: “New Rules” de Duo Lipa;
7. Alunos: “Espera” de Fernando Daniel.

Graças à iniciativa destes quatro alunos, criou-se uma manhã musical diferente para diversas turmas da escola, de forma bastante interessante. Foi um momento agradável não só musical mas também para aumentar a nossa incorporação na escola. Também fizemos gravação em vídeo de todos os momentos do concerto para mostrarmos aos alunos que organizaram e para podermos recordar mais um momento enriquecedor da Prática (Anexo 2.2.2). Para além disso, o jornal da escola evidenciou o momento musical decorrido na escola com uma notícia (Anexo 2.2.2.2).



Fig. 25: Concerto de Páscoa  
Inter-turmas

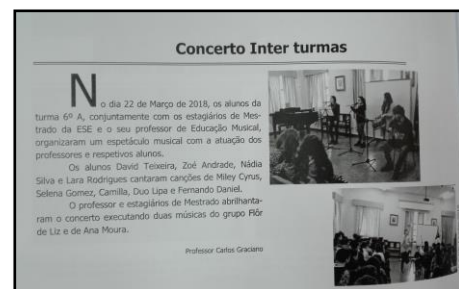


Fig. 26: Notícia do jornal da  
escola acerca do concerto de  
Páscoa Inter-turmas

Outra atividade que surgiu ao longo do ano sem estarmos à espera foram as Provas de Aferição de Educação Musical, realizadas nas turmas de 5º ano.

As turmas de 5º ano são do encargo da outra professora de Educação Musical, a professora Paula Dias. Porém, durante o decorrer das Provas, a professora esteve ausente. As Provas de Aferição são uma realidade muito falada e julgada por todos os professores em geral e graças à falta da professora, eu e os meus colegas tivemos a oportunidade de acompanhar o professor Carlos como “professores aplicadores” da prova. A Prova que eu apliquei foi na turma de 5ºA e realizou-se no dia 24 de maio às 11:30h com uma duração estipulada para 90 minutos (Anexo 2.3.3). Durante esta hora estava a decorrer a aula da Joana, aula essa que não assisti. Sinceramente, considero que a Prova não estava coerente e isso deixou os alunos desconfortáveis com a Educação Musical, pois certamente não é isso que ela representa para eles, ao longo de todo o ano letivo.

Por último, o concerto de Fim de ano foi, sem dúvida, a apresentação pública mais trabalhada com os alunos (Anexo 2.3.2). Preparei as canções ao longo das últimas sete aulas para me certificar que os alunos ficavam completamente seguros a nível musical. Pela experiência do concerto de Natal, os nervos dificultam sempre as interpretações musicais, por isso quanto mais preparados estivessem, menor seria a probabilidade de acontecerem erros em palco. As canções trabalhadas para o concerto final foram duas que já aprendidas durante o ano, “Alma Mater” de Moonspell e “Purple Rain” de Prince. Porém, foram trabalhadas com maior nível de complexidade e maior precisão vocal e instrumental. Para além destas duas canções, ensinei mais três: “A Cantiga da Burra” de Galandum Galundaina, “O Amor é assim” de HMB e Carminho e a “Família” de Atoa, para interpretarem com as restantes turmas dos meus colegas estagiários, tal como realizamos no concerto de Natal. Sendo assim, os alunos aprenderam no total cinco canções, sendo que as duas primeiras foram cantadas e tocadas nas flautas de bisel e xilofones, e as outras três foram apenas cantadas.

O concerto teve lugar na Sala Museu, às 19:00h para todos os Encarregados de Educação. A sala estava cheia e os alunos muito entusiasmados. Eu própria



me sentia nervosa e impaciente, por ser o último momento de contacto com os alunos e porque a possibilidade que tinha de mostrar todo o trabalho e empenho realizado ao longo das 28 semanas desta Prática.

Existiram diferentes momentos musicais, tal como apresento a seguir. Na minha perspetiva, tudo correu como planeado, desde as entradas das turmas, as saídas de palco, a ordem das canções, a surpresa planeada ao professor Carlos Graciano e até o momento de fazer explodir confetes no final da última canção. A ordem das canções do concerto foi:

1. Grupo de alunos do 6ºF: “Trevo” de Anavitória e Digo Piçarra;
2. Ricardo (6ºF): “Sol Mixolídio” com piano, flautas e metalofone;
3. Ricardo (6ºF): “América” com piano, flautas de bisel e metalofone;
4. Jenifer (6ºE): “Alma Mater” com instrumental Orff, flautas e áudio;
5. Jenifer (6ºE): “Purple Rain” com instrumental Orff, flautas e áudio;
6. Dança de uma aluna do 6ºB;
7. Grupo de alunas do 6º B: “Tu e eu” de Fernando Daniel;
8. Joana (6ºB): “Rasta Star” com instrumental Orff, flautas e áudio;
9. Joana (6º B): “We will Rock you” com instrumental Orff e flautas;
10. Grupo de alunos do 6ºA: “Perfect” de Ed Sheeran;
11. Rita (6ºA): “Viva la Vida” com flautas de bisel e instrumental Orff;
12. Rita (6ºA): “A Gente vai Continuar” com flautas e instrumental Orff;
13. As quatro turmas: “O Amor é assim” de Carminho, com áudio;
14. As quatro turmas: “A Família” de Atoa com áudio;
15. As quatro turmas: “A Cantiga da Burra” de Galandum Galundaina com áudio, bombos e caixa.

Penso que o concerto correu muito bem e eu senti-me orgulhosa de mim mesmo e dos meus alunos, que tantas vezes me fizeram desanimar devido ao mau comportamento que tinham. Apercebo-me que fui persistente ao longo do ano para que no final conseguisse obter um produto musical com qualidade e felizmente consegui. Desta vez, os alunos estiveram muito concentrados durante todo o concerto e responderam bem à minha direção. A apresentação

correspondeu às minhas expetativas, tendo em conta aquilo que tínhamos ensaiado nas aulas anteriores. A preparação do concerto deu-me grande satisfação pessoal, pela oportunidade de ir construindo aprendizagens ao longo do ano, bem como a estruturar canções com qualidade musical. Um dos aspetos positivos do concerto foi o facto de os alunos saberem todas as partes das canções de memória. Outro aspeto que trabalhei intensamente ao longo das últimas aulas foi a técnica instrumental, nomeadamente dos xilofones (soprano, contralto e baixo) e jogos de sinos.

Nesta apresentação, a elaboração dos cartazes foram feitos, de forma autónoma, por nós os estagiários. Elaboramos um cartaz para divulgar o concerto Fim de Ano e elaboramos outro cartaz para chamar à atenção da necessidade de angariação de dinheiro para comprar um piano novo para a sala de aula 12, pois o que lá estava tinha-se estragado há umas semanas atrás (Anexo 2.3.2.1). Durante a chegada dos pais conseguimos ter contacto com alguns deles e isso fez com que percebêssemos o tipo de interesse que eles têm pela educação dos filhos, acabando por se notar na interpretação dos alunos, tanto no dia do concerto como ao longo do ano. Senti muito carinho entre os familiares e os alunos, o que tornou o momento musical ainda melhor.

Este foi o último contacto que tive com toda a comunidade escolar. Foi sem dúvida a melhor experiência da minha vida, tanto profissional como pessoal. Foi onde mais aprendi, onde mais me desafiaram, onde mais me diverti e onde partilhei mais conhecimentos e experiências com todos os que me rodearam. Durante o ano, tive dias maus em que parecia que ia desistir, mas agora no final, já possuo-o um certo sentimento de nostalgia e tristeza.

Fig. 27: Dia da Despedida  
com os alunos que  
participaram no  
Concerto de Fim de Ano



## CAPÍTULO III – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

### 3.1. INTRODUÇÃO

Como aluna e estagiária de Educação Musical, a minha motivação para estudar os manuais escolares, o seu repertório e a influência que cria nos professores, sempre foi bastante presente, por considerar que se tratar de um dos principais recursos para os professores lecionarem a sua disciplina de Educação Musical.

Outro aspeto que me motivou para a escolha deste tema foi a tentativa de compreender a realidade pedagógica na área de Educação Musical através daquilo que os alunos mais ouvem na sala de aula e se aquilo que ouvem é imposto pelo manual escolar ou pelos gostos dos professores.

Nos manuais escolares de Educação Musical, encontramos diversos aspetos para além do repertório mas eu apenas me focarei nesse tema de forma a tentar saber qual é o estilo musical mais abordado pelos professores e se o manual escolar os influenciou nessa escolha. Sendo assim este estudo pretende investigar dois aspetos importantes que estão relacionados com a prática educativa da disciplina de Educação Musical de 2º Ciclo. Esses aspetos focam o repertório abordado nas aulas de Educação Musical de 2º Ciclo e a opinião dos professores sobre a utilização e adoção do manual escolar.

Keith Swanwick (1979) diz que a *Audição* é uma das competências específicas mais importantes da disciplina de Educação Musical e por isso, os professores de Educação Musical visam promover o desenvolvimento musical, cultural e social através daquilo que se ouve.

Sendo a *Audição* um pré-requisito de todas as outras atividades musicais (Madsen e Madsen, 1978, citado em Boal-Palheiros, 1994), vários autores têm

afirmado a sua importância em Educação Musical, como sendo um processo que implica o envolvimento ativo do ouvinte, para o qual são necessárias a experiência e a aprendizagem (Wuytack & Schollaert, 1973, citado em Boal-Palheiros, 2016).

A investigação foi realizada através de dois métodos que estão relacionados: uma análise documental do repertório musical de manuais escolares de 6º ano (2017/2018) e um questionário online direcionado a professores de Educação Musical do 2º ciclo.

Os resultados indicam que o manual é um dos meios mais utilizados nas salas de aula de Educação Musical por se tratar de um recurso bastante completo e amplo com diversas atividades, com variedade de repertório e por seguir as orientações do Programa de Educação Musical.

Eventualmente no futuro, o estudo poderá vir a ser mais extenso, para compreender melhor outro tipo de questões, para além do repertório oferecido aos alunos nas aulas de Educação Musical, através dos manuais escolares existentes.

### 3.2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

#### 3.2.1. IMPORTÂNCIA DOS MANUAIS ESCOLARES

O manual escolar é um suporte físico que procura compreender os aspetos relacionados com a educação, mais especificamente com os valores e atitudes veiculados no Programa de Ensino Básico de uma disciplina. Os manuais escolares de Educação Musical, sem exceção, também estão de acordo os princípios orientadores, os objetivos, os conteúdos, as metodologias e as avaliações propostas no seu Programa.

Existem várias visões acerca do manual escolar. Bueso (2004) refere que os manuais fornecem a possibilidade de perceber práticas e materiais com presença marcada em contexto pedagógico. Choppin (1992) define o manual escolar a partir de quatro dimensões distintas, ou seja:

- 1) *“É um produto de consumo”*;
- 2) *“Um suporte de conhecimentos escolares”*;
- 3) *“Um veículo de um sistema de valores, de uma ideologia e de uma cultura”*;
- 4) *“Um instrumento pedagógico”*.

Através da ideia anterior, podemos considerar o manual escolar como um produto, um suporte, um veículo e/ou um instrumento de consumo, de conhecimento, de valores e de pedagogia. Estas quatro definições verificam-se nos dias de hoje, nas escolas.

Os manuais são elaborados a pensar tanto no professor como no aluno. Ao facilitar o trabalho dos professores nas planificações e execução das aulas (*veículo*), também facilita o estudo dos alunos, sempre que necessário (*suporte de conhecimentos e instrumento pedagógico*). Podemos ainda considerar

outro público-alvo dos manuais, ou seja, os Encarregados de Educação que poderão também acompanhar mais facilmente o estudo das crianças (*produto de consumo*).

Garbosa (2009) acrescenta que o manual escolar de música, enquanto produto de autores ou organizadores, consiste apenas na seleção de canções. Para esta autora, os manuais de música são elaborados a partir de canções, produzidos para a escola e para as práticas nas salas de aula.

Bueso (2004, p. 21) afirma que “o manual é o espelho de propostas e atividades que permitem perspetivar as dimensões que considera importantes para o desenvolvimento do aluno, não só musicalmente”. Isto é, a Educação Musical abarca muito mais do que somente os objetivos musicais específicos, tais como: a transmissão da herança musical, o incentivo à criatividade, a educação social, o desenvolvimento de capacidades intelectuais. Em suma, a Educação Musical contribui para o desenvolvimento intelectual, emocional, sensoriomotor e social das crianças.

### 3.2.2. CRITÉRIOS PARA APRECIAÇÃO, SELEÇÃO E ADOÇÃO DOS MANUAIS ESCOLARES

A experiência e o conhecimento vão formando a opinião dos professores e educadores para um propósito acerca dos manuais escolares. Por exemplo, a seleção do manual, a imposição do mercado e a pressão que a própria escola coloca ao professor são condicionantes significativas para a ideia que os professores criam dos manuais, podendo chegar a criar empatia. Ou por outro lado, adorá-los e sentir que são essenciais para o processo de ensino e aprendizagem.

Os professores, a cada novo ano letivo, podem adotar um novo manual escolar que lhes pareça atrativo a todos os níveis. Desde os conteúdos, às

atividades, aos objetivos e certamente os recursos necessários também. As editoras procedem ao envio dos respectivos manuais para as escolas e os professores devem escolher. Para isso, existem alguns critérios para a apreciação, a seleção e a adoção dos manuais. Esses critérios baseiam-se nas seguintes componentes específicas: (DGE, 2017).

#### **1. Organização e Método**

- *Apresenta uma organização coerente e funcional.*
- *Apresenta uma organização adequada aos alunos.*
- *Explicita etapas para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de capacidades.*
- *Motiva para o conhecimento.*
- *Estimula a autonomia e o sentido crítico.*

#### **2. Informação e Comunicação**

- *Respeita as orientações constantes e gerais do Ministério da Educação.*
- *Veicula conhecimento correto e conhecimento relevante.*
- *Promove a educação para a cidadania, nomeadamente não apresentando discriminações de carácter cultural, étnico, racial, religioso e respeitando o princípio da igualdade de género.*
- *Apresenta uma organização gráfica que facilita o seu uso.*
- *Apresenta ilustrações corretas e adequadas aos conteúdos e às atividades propostas.*

#### **3. Características Materiais**

- *Apresenta robustez suficiente para resistir à normal utilização.*
- *O formato, as dimensões e o peso do manual são adequados à faixa etária.*
- *Permite a reutilização.*

#### **4. Adequação ao Projeto Educativo de Escola**

- *Adequa-se às características da comunidade escolar.*
- *Revela-se adequado ao contexto educativo.*

Todos estes critérios são considerados científicos na hora de seleção de um manual escolar. São eles que definem a qualidade do produto, sendo

elaborados cada um à sua maneira. Uns são mais apelativos a nível dos conteúdos, outros mais apelativos a nível das atividades e outros com maior relação com o Programa.

Em menor escala, também existem professores e escolas que simplesmente não adotam manual. Não o consideram necessário ou útil para uma boa aprendizagem dos alunos. Nesses casos, os professores baseiam-se nos seus saberes e na própria experiência profissional.

Como o número de professores e escolas com manual adotado continua a ser superior ao número de professores sem manual, verifica-se que ao longo dos anos têm-se evidenciado uma grande mudança neste tipo de livros que serviam para orientar o professor.

### 3.2.3. EVOLUÇÃO DOS MANUAIS ESCOLARES

Os instrumentos de suporte do processo de ensino e aprendizagem são fatores importantes para o sucesso educativo. Entre esses instrumentos, o manual escolar constitui um auxiliar de relevo e a utilização deles continua a impor-se como prática corrente e necessária.

Adalberto Carvalho (2016) enuncia: “o livro escolar é um instrumento de trabalho importantíssimo para professores e alunos”. Por isso, os manuais escolares têm acompanhando e evoluído ao longo dos anos. Não só no que se refere ao domínio das artes gráficas, mas também das tecnologias da informação e da comunicação. Ao longo dos anos, os materiais desenvolvidos pelas editoras para os professores foram aumentando significativamente em termos de quantidade.

Hoje em dia, os professores dispõem de imensos materiais com garantia de qualidade, o que lhes permite poupar muito tempo na pesquisa,



desenvolvimento ou organização de materiais de apoio às suas aulas, proporcionando-lhes a possibilidade de usar o tempo economizado numa maior dedicação à gestão da aprendizagem dos seus alunos. Mas será que ter todos estes materiais à disposição, não prejudicará também a aprendizagem dos alunos, reduzindo-os a conhecer apenas o leque de conteúdos que o manual escolar possui?

Há que salientar que o uso e a evolução de tantos manuais podem alterar e condicionar o ensino na sala de aula, pois verifica-se uma clara dependência dos manuais por parte dos professores (Rodríguez & Seoane, 2017).

Os manuais podem criar essa dependência, devido a vários fatores, como a experiência, a quantidade de tempo destinado à educação e as perceções dos professores sobre a validade dos manuais escolares. Certamente, também depende da opinião dos autores, dos professores e de toda a comunidade escolar. Por exemplo, Area & Correa (1992) concluíram: uma boa parte dos professores não admite que um modelo de uso exclusivo e tradicional dos manuais escolares seja representativo da sua prática.

Por outro lado, Carvalho & Fadigas (2016, p.3) pensam: “o manual escolar não pode ser considerado, simplesmente como um livro ou um livro como outro qualquer... é também muito mais do que isso: é o centro de um feixe de conexões com outros dispositivos (conteúdos, livros, multimédia, locais para visitas de estudo, etc.) pedagogicamente sugeridos e regulados, disponibilizando didática e organizadamente, um conjunto de conteúdos programáticos”.

Para além de nos questionarmos se o manual é o melhor recurso de ensino ou não, devemos também refletir acerca do repertório e das atividades que aparecem nos manuais. Serão eles adequados? E porquê?

Woodward, Elliot & Nagel (1988) proporcionam-nos uma síntese interessante dos aspetos abordados nesta linha de investigação, entre os quais

se destacam os seguintes: a influência que teve o mercado na venda dos manuais escolares, a escolha do processo e as técnicas ou estratégias de avaliação que se usaram para seleccionar os manuais escolares.

### 3.2.4. PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MUSICAL DO ENSINO BÁSICO

As sugestões do Programa de Educação Musical de Ensino Básico (DGEBS, 1991b) apenas apresentam músicas de estilo clássico, sem mencionar outro estilo musical. Um dos motivos pode ser o facto de o Programa não ser reformulado desde 1991. O repertório que o Programa possui serve apenas de sugestão, ou seja, os professores só seguirão aquelas músicas que quiserem.

|   |  |
|---|--|
| <p><b>TIMBRE:</b><br/> BIZET, G. — <i>Suite L'arlesienne</i>.<br/> BRITTEN, B. — «<i>Guia dos jovens para a orquestra</i>» variações sobre um tema de Purcell.<br/> CAGE, J. — <i>Sonatas e interlúdios para piano preparado</i>.<br/> RAVEL, M. — <i>Bolero</i>.<br/> VARESE, E. — <i>Jonituação</i>.<br/> VÁRIOS — <i>Musique du monde</i> - playasound PS 66000 - C.D.</p> <p><b>DINÂMICA:</b><br/> BORODINE, A. — <i>Nas estepes da Ásia Central</i>.<br/> GRIEG, E. — <i>Suite n.º 1</i> — Peer Gynt — «no palácio do rei da montanha».<br/> PROKOFIEV, S. — <i>Pedro e o Lobo</i>.<br/> WAGNER, R. — <i>Abertura da ópera «Tanhausers»</i>.</p> | <p><b>RITMO:</b><br/> JOPLIN, S. — <i>The entertainer</i>.<br/> KODALY, Z. — <i>Hary Jones suite</i>.<br/> MOZART, W.A. — <i>Pequena sonata nocturna</i>.<br/> TCHAIKOWSKY — <i>Suite Quebra Nozes</i>.</p> <p><b>ALTURA:</b><br/> BERIO, L. — <i>Sequenza III</i> para voz feminina.<br/> MOZART, W.A. — <i>A Flauta Mágica</i>.<br/> SAINT-SAENS — <i>Carnaval dos Animais</i>.<br/> RAVEL, M. — <i>Suite «ma mère l'oye»</i>.</p> <p><b>FORMA:</b><br/> BACH, J.S. — <i>Canon perpetuus</i>.<br/> BIZET, G. — <i>L'arlesienne</i>, suite n.º 1 - «Minueti» e «Carrillon» (ABA).<br/> CHARPENTIER — <i>Te Deum</i> (interlúdios).<br/> MOZART, W.A. — <i>Pequena serenata nocturna</i> (ABACA code).<br/> REICH, S. — <i>Piano phase e traditional African Music</i>.<br/> SCHUBERT, F. — <i>Marcha Militar</i> (ABA).</p> |
|---|--|

Fig. 28: Repertório sugerido pelo Programa de Educação Musical

Para além de repertório, o Programa também oferece orientações pedagógicas com determinados conteúdos. Esses conteúdos são os mais relevantes, de acordo com o Ministério de Educação. Esses conteúdos são: o Timbre, a Dinâmica, a Altura, o Ritmo e a Forma. Dentro destes conteúdos, existem sub-conteúdos categorizados por níveis, desde o nível I ao XII, aumentando a complexidade desse determinado conteúdo.

Juntamente ao repertório e aos conteúdos, também devemos considerar imprescindível no Programa, as três grandes áreas da Educação Musical, ou seja, as áreas de *Composição*, *Audição* e *Interpretação*, conforme proposta de Swanwick (1979). Estas três áreas servem para os alunos fazerem uma apropriação criativa dos conceitos musicais, através de experiências individuais e coletivas (CNEB, 2001).

Este estudo foca mais aprofundadamente as áreas da *Audição* e *Interpretação*, que dão a possibilidade de criar experiências e “viagens sonoras” que poderão contribuir significativamente para a vida dos alunos (Bueso, 2004). A Audição para além de desenvolver a capacidade de análise crítica é imprescindível em todos os momentos de atividade musical. A Interpretação está intimamente ligada à Audição, sendo fundamental ouvir, para poder ser crítico em relação ao que se executa (DGEBS, 1991a).

Consideramos que o repertório musical dos manuais escolares é importante na aprendizagem dos alunos, pois são os manuais que definem grande parte da cultura musical que se ensina às crianças de hoje, na escola. Se não fosse a disciplina de Educação Musical, a única cultura musical que as crianças teriam seria apenas o que é oferecido no grupo social e cultural de cada um. Podemos afirmar que parte da cultura musical dos alunos, dentro da Escola, é feita daquilo que os professores apresentam nas aulas.

Bueso (2004, p. 1) afirma “o manual de Educação Musical é como uma radiografia aproximada daquilo que os alunos ouvem e cantam na escola”. Porém, os alunos preferem “ouvir música em casa, onde têm privacidade, escolhem a música, e partilham o prazer de ouvir através de interações sociais significativas” (Palheiros & Hargraves, 2002).

### 3.3. ESTUDO

Este trabalho de investigação estuda o repertório musical de diversos manuais escolares do 6º ano de escolaridade, da disciplina de Educação Musical, no ano letivo 2017/2018. Para além disso, também analisa opiniões dos professores de Educação Musical acerca do manual escolar e da funcionalidade que cada professor lhe dá nas suas aulas.

Durante o estudo foram utilizados dois métodos, realizados em duas fases:

- 1) Análise documental, com abordagem quantitativa, do repertório musical de manuais escolares de 6º ano;
- 2) Questionário direcionado a professores de Educação Musical 2º Ciclo, a lecionar no 5º e no 6º ano.

Na imagem seguinte apresenta-se a lista dos manuais escolares de 6º ano, disponíveis (DGE, 2017).

| Ano                             | Disciplina       | ISBN              | Título   | Autor(es)   | Preço   | Menção | Data de Homologação |
|---------------------------------|------------------|-------------------|--|---|---------|--------|---------------------|
| <b>A Folha Cultural Editora</b> |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 972-8101-57-0     | Novo Musicando 6- Manual+Caderno de Actividades+CD Audio Aluno | Isabel Carneiro, Manuela Encarnação                         | € 0.00  |        |                     |
| <b>Areal Editores, SA</b>       |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 978-989-767-216-3 | Música é Música 6 - Educação Musical                           | José Castro Soares, Manuela Sousa, Nuno Ribeiro, Nuno Rocha | € 13.16 |        |                     |
| <b>Plátano Editora, SA</b>      |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 978-989-760-126-2 | Beatvox 6.º Ano  | Carlos Carlos, Isabel Carneiro, Lina Trindade Santos        | € 13.16 |        |                     |
| <b>Porto Editora, S.A.</b>      |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 978-972-0-20814-9 | Play 6 - Educação Musical                                      | Jonas Araújo, Tito Santos                                   | € 13.16 |        |                     |
| <b>SANTILLANA</b>               |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 978-989-708-852-0 | Música Seis  | José Carlos Godinho   | € 9.95  |        |                     |
| <b>Texto Editores, Lda.</b>     |                  |                   |  |   |         |        |                     |
| 6.º Ano                         | Educação Musical | 978-972-47-5473-4 | Novo 100% Música - Educação Musical 6.º ano                    | António Neves, David Amaral, Jorge Domingues                | € 13.16 |        |                     |

Fig. 29: Lista de manuais de Educação Musical em 2017/2018

### 3.4. METODOLOGIA

#### 3.4.1. Participantes

Participaram no questionário 46 professores de Educação Musical que lecionam atualmente no 2º Ciclo. Todos os participantes responderam de forma voluntária e anónima.

#### 3.4.2. Procedimento

##### 1º Método: Estudo documental

Este trabalho de investigação utilizou dois métodos diferentes de estudo: 1) análise de abordagem quantitativa ao repertório musical de manuais escolares de 6º ano; 2) um questionário *online* direcionado a professores de Educação Musical do 2º Ciclo. Estes dois métodos criaram dois estudos diferentes mas que estão relacionados.

O primeiro estudo serviu para entender qual é o repertório musical que mais surge nos manuais e consequentemente nas aulas de Educação Musical do 2º Ciclo. O segundo serviu para saber a opinião dos professores de Educação Musical acerca do manual, do seu repertório, do uso que fazem nas suas aulas, e de a influência que acaba por provocar nos professores.

A análise ao repertório dos manuais escolares foi feita em quatro manuais do aluno. Esses manuais foram o *Play 6* da Porto Editora, o *Música 6* da Santillana, o *Música é... Música 6* da Areal Editores e o *100% Música 6* da Texto Editora. Excluímos do estudo os manuais e o *BeatVox 6* da Plátano Editora e o *Novo Musicando 6* da Folha Cultural Editora por não ter sido possível adquiri-los. Dentre os manuais analisados, procuramos que todos fossem os atuais deste ano letivo mas infelizmente tivemos que estudar um

manual do ano passado (2016/2017), o *100% Música 6* da Texto Editora. Todos os outros manuais analisados são os atuais, ou seja, os que estão em vigor neste ano letivo (2017/2018).

Para cada um dos manuais analisados, transcrevemos o nome da música, os compositores/grupos e os determinados estilos. Depois de verificarmos o repertório de cada manual, criamos uns gráficos para cada um dos manuais, de forma a visualizar de imediato, através de cores e de percentagens, o que predomina em cada um dos manuais. Estes resultados encontram-se também nos anexos 3.1., 3.2., 3.3. e 3.4.

A análise dos manuais foi feita pela seguinte ordem:

1. Play (2017/2018) – Porto Editora;
2. Música 6 (2017/2018) – Santillana;
3. Música é... Música (2017/2018) – Areal Editores;
4. 100% Música (2016/2017) – Texto Editora.

Com isto, pretendemos compreender qual é o estilo musical que surge mais vezes nos manuais escolares dos alunos, visto que o manual serve de instrumentos para o processo de ensino e aprendizagem.

Será que o repertório apresentado é suficientemente bom para os alunos?

Um manual escolar pode sugerir práticas educativas mas, por outro lado, pode condicionar o professor nos seus métodos de ensino e na aprendizagem dos alunos, distancio-os de novas realidades e de outras culturas.

## 2º Método: Questionário aos professores

Foi elaborado e passado um questionário *online* a professores de Educação Musical do 2º Ciclo do ensino básico. O questionário incidiu sobre três grandes temas: as 20 primeiras questões são relativas ao manual escolar; as

questões 21 a 25 são acerca do Programa de Educação Musical e as questões 25 a 38 focaram-se no repertório musical.

O questionário *online* tem questões abertas e fechadas. Dentro das questões fechadas existem várias com o formato de escala de Likert. As questões abertas serviram para recolher uma maior variedade de dados. Já as questões fechadas serviram para obter dados numéricos mais claros.

A bola de neve do questionário foi feita através do contacto entre colegas de Educação Musical, sendo que todos eles responderam voluntariamente. Os dados recolhidos são confidenciais e servem apenas para fim deste estudo, no sentido de promover uma reflexão sobre os manuais escolares de Educação Musical do 2º Ciclo e o seu respetivo repertório musical.

O questionário em questão encontra-se a seguir:

### **Questionário sobre o manual escolar de Educação Musical**

1. Na sua escola costumam adotar um manual escolar de Educação Musical?
2. Porque que adotam/não adotam manual escolar de Educação Musical na sua escola?
3. Quais são os critérios para a adoção do manual escolar?
4. Neste ano, qual foi o manual escolar que adotaram?
5. Porquê?
6. Indique os atuais manuais escolares de Educação Musical que conhece.
7. Qual é o seu preferido?
8. Porquê?
9. Assinale numa escala de 1 a 5, o número de vezes (em média) que utiliza o manual escolar nas suas aulas.
10. Porquê?
11. Considera o manual escolar importante para o ensino dos conteúdos programáticos de Educação Musical?
12. Porquê?
13. Considera o manual escolar importante para a aprendizagem dos conteúdos programáticos de Educação Musical?
14. Porquê?

15. Considera que o manual escolar influencia as suas estratégias de ensino?
16. Porquê?
17. Assinale numa escala de 1 a 5, a sua opinião acerca da importância do manual escolar para si.
18. Porquê?
19. Assinale numa escala de 1 a 5 a sua opinião acerca da importância do manual escolar para os alunos.
20. Porquê?
21. Conhece o Programa de Educação Musical do 2º Ciclo?
  - Não
  - Muito Pouco
  - Algumas coisas
  - Sim, tudo
22. Com que frequência utiliza este Programa? (Nenhuma 1 2 3 4 5 Muitíssima)
23. Porquê?
24. Assinale numa escala de 1 a 5, em que medida considera que os manuais escolares estão em conformidade com o Programa.
25. Porquê?
26. Assinale numa escala de 1 a 5, em que medida os manuais escolares influenciam o tipo de repertório usado nas aulas de Educação Musical.
27. Porquê?
28. Assinale numa escala de 1 a 5, se considera que os alunos gostam do repertório que é abordado nos manuais.
29. Porquê?
30. Qual é o tipo de repertório que utiliza habitualmente nas suas aulas de Educação Musical?
  - Música erudita
  - Música tradicional portuguesa
  - Música Tradicional de outros países
  - Música Pop
  - Música Rock
  - Jazz
  - Canções didáticas
  - Outros: \_\_\_\_\_
31. Porque que opta por esse tipo de repertório?
32. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música erudita
33. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música tradicional portuguesa



34. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música tradicional de outros países
35. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música Pop
36. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música Rock
37. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de música Jazz
38. Assinale na escala de 1 a 5, com que frequência aborda repertório de canções didáticas

### 3.4.3. Análise

Para o 1º método (análise documental), fez-se a categorização do repertório musical que é apresentado nos manuais escolares de 6º ano, considerando os seguintes estilos musicais como categorias:

- Música Erudita
- Música Tradicional portuguesa
- Música Tradicional de outros países
- Música Pop
- Música Rock
- Música Jazz
- Canções didáticas
- Outros. Como por exemplo: O reggae, Bossa Nova, Espirituais Negros e Bandas sonoras de filmes.

Para o 2º método (questionários) fez-se uma análise às respostas indicadas pelos participantes de uma forma qualitativa e quantitativa. Também se elaborou um sistema de categorização de dados para todas as respostas. As categorias foram depois revistas e aperfeiçoadas, tendo em conta as respostas dos participantes. Depois de escolher os temas das categorias, as respostas dos participantes foram compiladas e atribuídas a cada uma das categorias.

### 3.5. DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Este estudo possibilitou refletir sobre as múltiplas ideias que se têm acerca do manual escolar, bem como sobre as preferências musicais que existem nos manuais, e ainda, as preferências musicais dos professores participantes.

Devido à utilização dos dois métodos, também dividi os resultados em duas partes. Vou apresentá-los separadamente, começando pela análise do repertório feito nos manuais de Educação Musical de 6º ano. Depois apresentarei as respostas do questionário, de forma categorizada e apresentada em diversos quadros.

Em relação ao repertório dos manuais escolares, conseguimos analisar 144 músicas (Anexos 3.1., 3.2., 3.3. e 3.4). Estas 144 músicas estão presentes nos quatro manuais escolares que analisamos. Os resultados obtidos deste estudo mostraram-nos que o estilo de música mais referido nos manuais escolares é o estilo *Pop*, com 37 músicas (26%), e o segundo mais abordado são as *canções didáticas*, com 32 músicas (22%). Grande parte das canções didáticas é composta pelos autores do respetivo manual de forma a abordar determinado conteúdo. A seguir encontramos outros estilos, desde as *músicas tradicionais de outros países* com 19 músicas (13%), as *músicas tradicionais portuguesas* com 13 músicas (9%) e *música erudita* com 14 músicas (10%). Numa escala mais baixa, também encontramos música *Rock*, com 12 músicas (8%) e *Jazz* com apenas 2 músicas (1%). Para além destes estilos criamos uma categorização denominada de *Outras*, onde se encontram diversas músicas e estilos musicais que surgem em menores quantidades e por isso decidimos agrupá-las todas na mesma categoria. Trata-se de música *Bossa nova*, *Reggae*, *Bandas sonoras*, e *Espirituais Negros*, dando-nos um total de 15 músicas (11%). O *Quadro 1* apresenta claramente as percentagens desta análise.

**Quadro 1 – Repertório dos manuais escolares estudados**

|  |     |      |
|--|-----|------|
| TOTAL DE MÚSICAS   | 144 | 100% |
| Música Pop   | 37  | 26%  |
| Canções Didáticas  | 32  | 22%  |
| Música Tradicional de outros países                                  | 19  | 13%  |
| Outros<br>(Reggae, Bandas sonoras, Espirituais negros, e Bossa nova) | 15  | 11%  |
| Música Erudita   | 14  | 10%  |
| Música Tradicional Portuguesa  | 13  | 9%   |
| Música Rock  | 12  | 8%   |
| Música Jazz  | 2   | 1%   |

Agora apresentarei as do 2º método (questionário), já categorizadas em sete quadros diferentes. Cada quadro abordará um tema específico, expondo quase todas as questões do questionário. Não incluí todas as questões por considerar que algumas estão semelhantes e tornariam o estudo repetitivo. Sendo assim os quadros apresentam-se pela seguinte ordem e com os seguintes temas:

Quadro 2) Adoção do manual escolar, com as questões 1 à 3.

Quadro 3) Os manuais que os professores usam, com as questões 4 à 6.

Quadro 4) A importância e a influência do manual, com as questões 7 à 14.

Quadro 5) Os conhecimentos e a utilização do Programa, com as questões 15 à 19.

Quadro 6) As influências do manual no repertório trabalhado em aula, com as questões 20 à 23.

Quadro 7) O estilo mais abordado em aula, com a questão 24.

Quadro 8) A frequência do estilo mais abordado em aula, com as questões 25 à 32.

Através do *Quadro 2* podemos concluir que a maioria dos professores opta pelo uso do manual escolar, devido À variedade e concordância com o Programa.

| Quadro 2 – Adoção de manual escolar                                  |            |
|--|------------|
| <b>Questão 1:</b> <i>Na sua escola adotam manual escolar?</i>        |            |
| Sim  | 38 (82,6%) |
| Não  | 8 (17,4%)  |
| <b>Questão 2:</b> <i>Porquê?</i>                                     |            |
| Variedade e Utilidade  | 16         |
| Concordância entre os professores do grupo                           | 6          |
| Por ser um suporte para os alunos                                    | 15         |
| Não adotaram   | 9          |
| <b>Questão 3:</b> <i>Quais os critérios para a adoção do manual?</i> |            |
| Por estar de acordo com o Programa                                   | 21         |
| Pela qualidade científica  | 20         |
| Nenhum   | 5          |
| TOTAL DE RESPOSTAS   | 46 (100%)  |

Dentro do leque de manuais existentes de Educação Musical de 2º Ciclo observamos que o preferido pelos professores é claramente o *100% Música* da *Texto Editora*. Tentamos perceber o porque dessa escolha e a quantidade de vezes que utilizam o manual nas suas aulas. Através do *Quadro 3* pode verificar as respostas.

| Quadro 3 – Manuais que os professores usam                |               |                   |                  |            |
|---|---------------|-------------------|------------------|------------|
| Questão 4: Qual foi o manual que adotou?                  |               |                   |                  |            |
| Nenhum  |               |                   | 6                |            |
| 100% Música   |               |                   | 20               |            |
| <u>BeatVox</u>  |               |                   | 3                |            |
| Play  |               |                   | 12               |            |
| Música 6  |               |                   | 2                |            |
| Música é... Música  |               |                   | 3                |            |
| Questão 5: Número de vezes em média que utiliza o manual? |               |                   |                  |            |
| 1 – Nunca   | 2 – Raramente | 3 – Algumas vezes | 4 – Muitas vezes | 5 - Sempre |
| 5 (10,9%)   | 4 (8,7%)      | 2 (4,3%)          | 12 (26,1%)       | 23 (50%)   |
| Média = 3,96  |               |                   |                  |            |
| Questão 6: Porquê?  |               |                   |                  |            |
| Para facilitar o trabalho do professor                    |               |                   | 25               |            |
| Para guiar os alunos                                      |               |                   | 12               |            |
| Não usam  |               |                   | 9                |            |
| TOTAL DE RESPOSTAS  |               |                   | 46               |            |

Outro grupo de questões que foi claramente entendido com as respostas do questionário, foi a questão de saber se o manual é importante para o ensino e

aprendizagem dos conteúdos, e de que forma é importante, tanto para os professores como os alunos. O *Quadro 4* apresenta essas respostas.

| Quadro 4 – A importância e a influência do manual   |           |                       |                      |            |
|---|-----------|-----------------------|----------------------|------------|
| <b>Questão 7:</b> <i>Considera o manual importante para ensinar os conteúdos?</i>         |           |                       |                      |            |
| TOTAL DE RESPOSTAS  | 46        |                       |                      |            |
| Sim   | 39        |                       |                      |            |
| Não   | 7         |                       |                      |            |
| <b>Questão 8:</b> <i>Porquê?</i>  |           |                       |                      |            |
| Para ajudar o professor a seguir o Programa   | 24        |                       |                      |            |
| Porque é um guia para os alunos   | 15        |                       |                      |            |
| Não consideram importante de maneira nenhuma  | 7         |                       |                      |            |
| <b>Questão 9:</b> <i>Considera o manual importante para a aprendizagem dos conteúdos?</i> |           |                       |                      |            |
| Sim   | 38        |                       |                      |            |
| Não   | 6         |                       |                      |            |
| Talvez  | 2         |                       |                      |            |
| <b>Questão 10:</b> <i>Porquê?</i>   |           |                       |                      |            |
| Para facilitar o estudo dos alunos  | 37        |                       |                      |            |
| Não consideram necessário   | 9         |                       |                      |            |
| <b>Questão 11:</b> <i>O manual influencia as suas estratégias de ensino?</i>              |           |                       |                      |            |
| Sim   | 25        |                       |                      |            |
| Não   | 18        |                       |                      |            |
| Talvez  | 3         |                       |                      |            |
| <b>Questão 12:</b> <i>Porquê?</i>   |           |                       |                      |            |
| É um apoio para o professor   | 18        |                       |                      |            |
| Motiva os alunos  | 6         |                       |                      |            |
| Utilizo outros recursos para além do manual   | 22        |                       |                      |            |
| <b>Questão 13:</b> <i>Considera o manual importante para si?</i>                          |           |                       |                      |            |
| 1 – Nada  | 2 – Pouco | 3 – Em algumas coisas | 4 – Em muitas coisas | 5 – Tudo   |
| 3 (6,5%)  | 6 (13%)   | 7 (15,2%)             | 16 (34,8%)           | 14 (30,4%) |
| Média = 3,70  |           |                       |                      |            |
| <b>Questão 14:</b> <i>Considera o manual importante para os alunos?</i>                   |           |                       |                      |            |
| 1 – Nada  | 2 – Pouco | 3 – Em algumas coisas | 4 – Em muitas coisas | 5 – Tudo   |
| 3 (6,5%)  | 3 (6,5%)  | 6 (13%)               | 18 (39,1%)           | 16 (34,8%) |
| Média = 3,90  |           |                       |                      |            |

Claramente percebemos que o manual é utilizado por muitos professores para facilitar o seu trabalho na hora de planificação e execução das aulas, indo ao encontro do Programa. Para os alunos é importante pois ajuda na hora de estudo. Mas em relação ao Programa temos mais algumas questões. No *Quadro 5* podemos verificar isso.

| Quadro 5 – Conhecimentos e utilização do Programa de Ed. Musical                  |              |                 |                   |            |
|---|--------------|-----------------|-------------------|------------|
| Questão 15: <i>Conhecem o Programa?</i>   |              |                 |                   |            |
| Não   | Muito Pouco  | Algumas Coisas  | Tudo              |            |
| 1 (2,2%)  | 0 (0%)       | 4 (8,7%)        | 41 (89,1%)        |            |
| TOTAL DE RESPOSTAS - 46   |              |                 |                   |            |
| Questão 16: <i>Com que frequência utiliza o Programa?</i>                         |              |                 |                   |            |
| 1 - Nunca   | 2- Raramente | 3-Algumas Vezes | 4- Muitas Vezes   | 5- Sempre  |
| 3 (96,5%)   | 5 (10,9%)    | 10 (21,7%)      | 9 (19,6%)         | 19 (41,3%) |
| Média = 3,72  |              |                 |                   |            |
| Questão 17: <i>Porquê?</i>  |              |                 |                   |            |
| Segue o manual  |              |                 | 29                |            |
| Utiliza também outros recursos pra além do manual                                 |              |                 | 7                 |            |
| Não gosta   |              |                 | 10                |            |
| Questão 18: <i>Considera que os manuais estão em conformidade com o Programa?</i> |              |                 |                   |            |
| Sim   | Não          |                 | Em algumas coisas |            |
| 33  | 3            |                 | 10                |            |
| Questão 19: <i>Porquê?</i>  |              |                 |                   |            |
| Abordam o que o Programa sugere   |              |                 | 32                |            |
| Estão desenquadrados  |              |                 | 12                |            |
| Não sabem   |              |                 | 2                 |            |

Com isto apuramos que grande parte dos professores consideram que os manuais estão em conformidade com o Programa e por isso é que se baseiam nos manuais para cumprir os objetivos, de forma a abordar os conteúdos, considerados mais importantes pelo Ministério de Educação. Muitos professores limitam-se a trabalhar o que está nos manuais, outros procuram mais recursos para completar as suas aulas.

Relativamente ao repertório que surge nos manuais, podemos analisar as seguintes respostas com a ajuda do *Quadro 6*. Verificamos que o manual

influencia o repertório das aulas, pois quem o usa, aborda o repertório que está presente.

**Quadro 6 – Influências do manual no repertório trabalhado em aula**

**Questão 20:** *Considera que os manuais influenciam o repertório das suas aulas?*

|              |               |                    |                  |            |
|--------------|---------------|--------------------|------------------|------------|
| 1 - Não      | 2 – Raramente | 3 – Algumas coisas | 4 – Muitas vezes | 5 - Sempre |
| 4 (8,7%)     | 3 (6,5%)      | 7 (15,2%)          | 17 (37%)         | 15 (32,6%) |
| Média = 3,78 |               |                    |                  |            |

**Questão 21:** *Porquê?*

|   |    |
|---|----|
| TOTAL DE RESPOSTAS                          | 46 |
| Seguem o manual                             | 23 |
| Utilizam outros recursos pra além do manual | 23 |

**Questão 22:** *Os alunos gostam do repertório das suas aulas?*

|     |    |
|-----|----|
| Sim | 41 |
| Não | 5  |

**Questão 23:** *Porquê?*

|   |    |
|---|----|
| É atual   | 36 |
| Não está enquadrado com a faixa etária/cultura dos alunos | 10 |

Ainda dentro do tema do repertório que é abordado em aula, temos o *Quadro 7* que ilustra as preferências musicais dos professores. Entendemos que muitos professores optam por um ensino de estilos variado de forma a apresentar um pouco de tudo para dar a conhecer o máximo de repertório musical aos alunos. Grande parte dos professores pensam como Ferreira (2001, p.88), ou seja, “O ensino musical deve oferecer aos estudantes a oportunidade de experimentar diversas manifestações musicais de inúmeras culturas, repertórios, instrumentos e formas de notação, evitando tendências”.

**Quadro 7 – O estilo mais abordado em aula**

|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| Música Erudita                      | 5  |
| Música Pop                          | 8  |
| Música Rock                         | 4  |
| Canções didáticas                   | 6  |
| Música Tradicional Portuguesa       | 1  |
| Música Tradicional de outros países | 1  |
| Música Jazz                         | 2  |
| Outros                              | 4  |
| Um pouco de todos os estilos        | 21 |
| TOTAL DE RESPOSTAS                  | 52 |

Para perceber mais detalhadamente a quantidade de vezes que os professores utilizam cada um destes estilos musicais, elaboramos o *Quadro 8*. Verificamos assim os estilos musicais que são abordados em maior e menor quantidade.

| <b>Quadro 8 – A frequência com que se aborda determinado estilo musical em aula</b>          |               |                   |                  |            |
|--|---------------|-------------------|------------------|------------|
| <b>Questão 25: <i>Porque que opta por determinado estilo musical para as suas aulas?</i></b> |               |                   |                  |            |
| Para ir de encontro aos gostos próprios  |               |                   |                  | 7          |
| Para ir de encontro aos gostos dos alunos  |               |                   |                  | 11         |
| Para variar (abordar todos os estilos)   |               |                   |                  | 28         |
| TOTAL DE RESPOSTAS   |               |                   |                  | 46         |
| <b>Questão 26: <i>Com que frequência aborda música erudita?</i></b>                          |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2 - Raramente | 3- Algumas vezes  | 4- Muitas vezes  | 5 - Sempre |
| 2 (4,3%)   | 8 (17,4%)     | 24 (52,2%)        | 7 (15,2%)        | 5 (10,9%)  |
| Média = 3,11   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 27: <i>Com que frequência aborda música tradicional portuguesa?</i></b>           |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2- Raramente  | 3- Algumas vezes  | 4 - Muitas vezes | 5- Sempre  |
| 2 (4,3%)   | 8 (17,4%)     | 22 (47,8%)        | 11 (23,9%)       | 3 (6,5%)   |
| Média = 3,11   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 28: <i>Com que frequência aborda música tradicional de outros países?</i></b>     |               |                   |                  |            |
| 1- Nunca   | 2- Raramente  | 3-Algumas vezes   | 4- Muitas vezes  | 5- Sempre  |
| 2 (4,3%)   | 11 (23,9%)    | 22 (47,8%)        | 9 (19,6%)        | 2 (4,3%)   |
| Média = 2,96   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 29: <i>Com que frequência aborda música Pop?</i></b>                              |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2 - Raramente | 3 - Algumas vezes | 4 - Muitas vezes | 5 - Sempre |
| 1 (2,2%)   | 3 (6,5%)      | 17 (37%)          | 20 (43,5%)       | 5 (10,9%)  |
| Média = 3,54   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 30: <i>Com que frequência aborda música Rock?</i></b>                             |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2 - Raramente | 3 - Algumas vezes | 4 - Muitas vezes | 5 - Sempre |
| 1 (2,2%)   | 8 (17,4%)     | 17 (37%)          | 13 (28,3%)       | 7 (15,2%)  |
| Média = 3,37   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 31: <i>Com que frequência aborda música Jazz?</i></b>                             |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2 - Raramente | 3 - Algumas vezes | 4 - Muitas vezes | 5 – Sempre |
| 6 (13%)  | 15 (32,6%)    | 18 (39,1%)        | 5 (10,9%)        | 2 (4,3%)   |
| Média = 2,61   |               |                   |                  |            |
| <b>Questão 32: <i>Com que frequência aborda canções didáticas?</i></b>                       |               |                   |                  |            |
| 1 - Nunca  | 2 - Raramente | 3 - Algumas vezes | 4 - Muitas vezes | 5 - Sempre |
| 3 (6,5%)   | 7 (15,2%)     | 20 (43,5%)        | 12 (26,1%)       | 4 (8,7%)   |
| Média = 3,15   |               |                   |                  |            |



### 3.6. CONCLUSÃO

Graças a este trabalho de investigação podemos afirmar que os professores usam os manuais escolares como principal recurso de ensino. Em geral, utilizam o manual escolar por ter as linhas de orientação ditadas pelo Programa. Por outro lado, existem professores que dão as suas aulas com a combinação de outros recursos.

O manual acaba por influenciar as estratégias de ensino e o repertório abordado de muitos professores pois é através do manual que dão as suas aulas.

Verifica-se que existe um grande número de professores dependentes dos materiais comerciais, ou seja, do manual (Rodríguez & Seoane, 2017). Um dos inquiridos sublinhou esta ideia através da frase *“há professores que seguem o manual como se fosse uma bíblia”*. Consideramos que seguir a bíblia não é um aspeto negativo porque assim os professores seguem de forma mais fácil os conteúdos do Programa. Crítico é quando os professores não sabem lecionar sem recorrer ao manual. A ideia de um outro inquirido completa esta ideia com uma frase engraçada: *“Muitos professores precisam de uma “receita de bolo” para desenvolverem o seu trabalho”*.

Convém salientar a alta dependência dos professores no manual escolar, o que leva a crer que os professores têm por hábito deixar as decisões sobre os materiais curriculares e conteúdos, nas mãos das editoras.

A maioria dos professores que opta pelo manual, fazem-no graças à sua utilidade prática que facilita o trabalho deles próprios e o trabalho dos alunos na hora de estudar e de consolidar os conteúdos. Esse é um dos grandes objetivos do manual. Já as regras que levam a escolher um determinado manual de entre os existentes, são claramente aquele que tiver melhor

qualidade científica (estratégias, conteúdos, atividades, áudios...) e o que tem maior concordância com o Programa de Educação Musical do 2º Ciclo.

Muitos professores concordaram que o manual segue as orientações do Programa mas isso não significa que o manual seja bom, visto que o Programa está inalterável há anos, mais precisamente desde 1991. Portanto, o uso, a função e as características dos manuais escolares e dos materiais curriculares deixam indiscutível que existem importantes carências destes recursos.

Sempre existiram e continuarão a existir professores que criticam a má elaboração dos manuais, quer nos conteúdos, nas atividades, nos recursos ou no repertório. Mas ainda assim, continua a existir um maior número de professores a utilizar o manual nas suas aulas.

Na seleção do manual, o repertório também é um dos aspetos que os professores têm em conta, fazendo pesar na sua decisão. Visto que o manual será um grande recurso para as aulas, os professores procuram nele repertório interessante e motivador para os alunos.

Contudo há muitos professores que mesmo com a adoção do manual, ampliam o seu campo musical e abordam músicas e estilos musicais de forma variada, sem estarem relacionados com o manual. Verificou-se isto mesmo no questionário que distribuímos. Ou seja, para além de quererem motivar os alunos, também procuram dar a conhecer o máximo de músicas e de estilos, aumentando o repertório e a cultura musical dos alunos.

Graças a este estudo também percebemos que o estilo mais abordado nas aulas de Educação Musical foi *Pop*. Isto deve-se ao facto de ser o preferido dos alunos, por ser o mais familiar.

Durante o trabalho de pesquisa e análise tivemos algumas dificuldades. Uma delas foi a recolha de informação baseada nos manuais escolares de Educação Musical, que era escassa. Isso dificultou a obtenção de material para uma maior contextualização. Para além disso também tivemos dificuldade em

obter os manuais escolares do corrente ano letivo, visto que as editoras se recusaram a fornecer um exemplar e daí ter que pedir a colegas de Educação Musical. Este problema verificou-se na ausência da análise de dois manuais, que infelizmente não conseguimos contornar, deixando a análise do repertório dos manuais incompleta.

Existem certas questões que poderiam completar este trabalho e para isso dever-se-ia futuramente recorrer à análise dos processos e das estratégias editoriais para adoção dos respetivos conteúdos, atividades e repertório; das características e análise dos materiais produzidos no contexto educativo não formal; do impacto das novas tecnologias nos processos de planeamento; análise comparativa dos materiais elaborados nas distintas comunidades autónomas, entre outros aspetos.

## REFLEXÃO FINAL

O presente Relatório de Estágio apresenta de forma resumida todo o trabalho desenvolvido ao longo do ano da Prática de Ensino Supervisionada, tanto no 1º Ciclo como no 2º. Chegada a altura de refletir acerca de todas as vivências e conhecimentos adquiridos, apercebo-me que foi um ano longo mas ao mesmo tempo, muito curto. Foi um caminho, de altos e baixos, com muitas quedas, mas foi essencial ter este contacto com a complexa realidade da prática docente.

A Prática de Ensino Supervisionada foi sem dúvida, o maior desafio da minha vida. Pensei imensas vezes em desistir por pensar que não seria capaz de cumprir com as minhas obrigações. Afinal de contas, ensinar implica ter um respeito por quem cresce e se desenvolve diante de nós. Percebi ao longo destes meses, que estar diante de uma turma é pior do que estar diante de um espelho, pois vemos ao vivo e em direto toda a realidade, desde as falhas, as nossas limitações, os nossos medos e inseguranças, e a obrigação de descobrir novas estratégias para criar um processo de desenvolvimento pedagógico positivo. Devemos isso aos alunos que estão à nossa frente, bem como à escola que nos acolhe. É uma responsabilidade tremenda.

No decorrer da Prática percebi como as interações entre os adultos e as crianças eram importante para a construção de um ambiente de bem-estar de aprendizagens das crianças. Fui entendendo que os alunos realmente necessitam sentir que lhe damos atenção e valor para que se sintam à vontade e ganhem confiança, autonomia e iniciativa em dialogar e comunicar ideias e emoções. “A atenção que os adultos prestam às crianças no sentido de perceberem e valorizarem as suas culturas é um desafio à forma tradicional como se encara o saber, a escolarização, e todo o tipo de atividades que fazem parte da vida das crianças” (Araújo 2009, p.141). Tentei ao longo de toda a Prática, com ambas as turmas, criar um ambiente positivo para maior

desenvolvimento cognitivo, cultural e emocional dos alunos. A importância da qualidade da educação tem sido cada vez mais reconhecida, tal como refere o Conselho da União Europeia (2011, p.175/8) que “uma educação e cuidados para a infância de elevada qualidade, trazem uma vasta série de benefícios a curto e a longo prazo, tanto para as pessoas individualmente como à sociedade em geral”.

Este ano proporcionou-me experiências fundamentais para a minha formação como futura professora. Despertou em mim o desejo de contribuir ativamente para a formação de novas gerações. É um trabalho muito árduo mas depois de ver os resultados finais, tem-se uma sensação brilhante.

Como refere Estrela (1994, p.26) “o professor deverá ser formado através da investigação, não só para desenvolver a atitude experimental exigida pela prática quotidiana, como para poder integrar nela os resultados da investigação”. Partilho a opinião do autor, uma vez que a observação e a investigação realizada no início e também ao longo do ano, foi fundamental para posteriormente sabermos responder ao solicitado e desejado nas aulas.

Passei a minha vida na escola, aprendendo cada vez mais e melhor e acredito na educação graças aos bons professores que foram surgindo no meu caminho. Tive a sorte de me cruzar com grandes professores e grandes pessoas que acreditaram em mim. Aprendi que se errar, posso tentar melhorar na próxima oportunidade. Aprendi também que não é por ter terminado o estágio que estou completamente apta para ensinar. Não se aprende a ensinar em menos de um ano pois estamos em contante mudança e contante aprendizagem perante as novas realidades que vão aparecendo. O que sinto é que agora estou mais preparada para enfrentar novos desafios e para continuar a aprender como professora.

Sempre me foquei para fazer o melhor possível, tanto no estágio como em todo meu percurso académico, nunca fui perfeita, pois a perfeição é inatingível. Porém, sempre dei e continuarei a dar o melhor de mim. Os

professores são modelos para os seus alunos e temos de ter a humildade de admitir os nossos erros. Estamos sempre a tempo de aprender.

Neste momento de reflexão da minha prestação como professora estagiária, apercebo-me que as minhas maiores dificuldades foram a nível de controlar o mau comportamento dos alunos, bem como a inovação de novas e melhores atividades musicais. Poderia resumir a minha Prática de Ensino Supervisionada em três palavras-chaves: ouvir, experimentar e aprender. Foi o que procurei essencialmente fazer. Não existe uma ordem exata de sequência dessas três ações.

Ao longo do ano, através da aprendizagem de novos conhecimentos e da prática executada, tive em conta o Programa de Educação Musical de Ensino Básico, o Currículo, a prática musical, quer instrumental quer vocal e a transmissão de conhecimentos. No 1º Ciclo existiu uma vertente mais prática, apenas com atividades de Interpretação e ligeiramente de Audição, onde procedi à realização de exercícios motivadores para os alunos, tais como jogos didáticos e canções alusivas aos concertos marcados. No que diz respeito ao 2º Ciclo também trabalhei de forma prática, mas com o objetivo de transmitir os conceitos musicais elementares. A prática musical esteve, tal como trabalhada e descrita nas planificações, presente em praticamente todas as aulas, cumprindo os objetivos e não esquecendo o conteúdo em questão.

A música, enquanto forma de expressão artística, é um instrumento facilitador do processo de ensino e de aprendizagem, pelo que julgo que deveria ser disciplina integrante do plano curricular. A música possui funções como: descontrair, animar, motivar, criar bons ambientes de trabalho, socializar, e trabalhar tudo isto numa comunidade escolar disciplinada pode criar grandes mudanças positivas no desenvolvimento das crianças, tanto a nível cognitivo, como pessoal, social e comportamental.

Todos sabemos, que a prioridade da escola é fazer com que todos os alunos tenham verdadeiramente sucesso mas por vezes a tentativa de chegar ao

sucesso derruba outras necessidades também importantes para as crianças como o tempo para brincar, a liberdade para crescer enquanto indivíduos e os momentos de socialização. A escola é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo mas devia “libertar-se de uma visão regeneradora ou reparadora da sociedade, assumindo que é apenas uma de entre muitas instituições da sociedade que promovem a educação” (Nóvoa, 2009, p.83).

No meu ponto de vista, acredito mais na escola como um espaço onde os alunos podem encontrar e conquistar a sua felicidade, e neste sentido, a ideia que tenho da Educação Musical, e que tentei transmitir ao longo de este ano, foi a ideia do professor enquanto modelo para ajudar na libertação dos alunos.

Visto que as crianças passam grande parte dos seus dias na escola, cabe aos professores ajudar a desenvolverem intelectualmente enquanto seres sociais. Poder acompanhar o crescimento dos alunos é compensador para nós e para eles, pois criam-se relações afetivas. A seguinte transcrição acrescenta a minha ideia do papel de professor:

“A nossa função enquanto educadores não deve advir de um projeto de domínio sobre os nossos educandos, convertendo-os em pinóquios, ou frankesteines, mas sim ajudá-los a fazerem-se a si próprios como educandos e pessoas... a nossa luta recorda-nos os intelectuais orgânicos do princípio do século, pessoas que estavam presentes no posicionamento social, político e intelectual, pessoas comprometidas com o seu momento histórico, coerentes na tarefa de compensar as desigualdades e que buscavam a justiça social” (Forés & Monserrat, 2002, p.102).

É muito gratificante poder ter tido a oportunidade de observar e atuar na área que pretendo exercer. Poder ter interagido com crianças e ter sido ajudada por todos os professores e intervenientes educativos das escolas tornou este trabalho atingível.

Durante o meu percurso na Prática de Ensino Supervisionada e no Mestrado, a formação que obtive não se limitou aos conteúdos específicos da área da Educação Musical, mas a muito mais que isso, tais como, a todas as relações com quem me rodeou. Sou uma pessoa emocional e estabeleço uma ligação desse carácter com o que me envolve, daí ser tão difícil abandonar uma experiência tão gratificante para mim.

No início parecia-me impossível conseguir ser professora. Verifiquei várias situações de inconstância, desequilíbrio e professores cansados pela insistência fracassada de educar em vez de ensinar. O meu ego foi desafiado e a minha paciência levada ao limite. Penso que nunca vou conseguir explicar na totalidade os sentimentos que vivenciei ao longo do ano. Mas hoje, sei que sou mais forte, mais persistente e melhor professora do que era. Levo comigo uma bagagem maior e a infinidade de boas memórias.



*Assim, depois de muito esperar, num dia como outro qualquer, decidi não esperar as oportunidades e sim, eu mesmo ir buscá-las, na verdade, eu decidi triunfar...*

*Decidi ver cada problema como uma oportunidade de encontrar uma solução. Decidi ver em cada deserto a possibilidade de encontrar um oásis.*

*Decidi ver cada noite como um mistério a resolver.*

*Decidi ver cada dia como uma nova oportunidade de ser feliz.*

*Naquele dia, decidi trocar tantas coisas...*

*Naquele dia descobri que meu único rival não era somente as minhas limitações e que enfrentá-las era a única forma de superá-las.*

*Naquele dia, deixei de ser um reflexo dos meus escassos triunfos do passado e passei a ser a minha própria e tênue luz deste presente.*

*Naquele dia, descobri que eu não era o melhor e que talvez, nunca seria.*

*Naquele dia, deixei de me importar com quem ganha ou perde, hoje só me importa saber melhor o que devo fazer.*

*Aprendi que o difícil não é chegar lá em cima, e sim deixar de subir.  
Aprendi que o melhor triunfo que posso ter, é ter o direito de chamar alguém de Amigo.*

*Aprendi que de nada serve ser luz se não se vai iluminar o caminho dos demais. Naquele dia, aprendi que os sonhos são somente para se fazer realidade.*

*E desde aquele dia já não durmo para descansar. Agora simplesmente durmo para sonhar."*

*(Walt Disney, s.d.)*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEAS. (2013). *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, 2013- 2017*, p.29.
- AEAS. (2017). *Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas Aurélia de Sousa, 2017-2021*, pp. 13-49.
- ARAÚJO, M. J. (2009). *Crianças Ocupadas. Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos*. Prime Books, p.141.
- AREA, M., & Correa, A. D. (1992). La investigación sobre el conocimiento y actitudes del profesorado hacia los medios. Una aproximación al uso de los medios en la planificación y desarrollo de enseñanza. *Curriculum 4*
- BENTO, J. O. (2013). *Um raio de LUZ*. In Batista, P., Queiró, P., & Rolim, R. Olhares sobre o estágio profissional em Educação Física, pp. 7-15. Porto: Editora FADEUP.
- BRITO, T. A. (2003). *Música na educação infantil*. São Paulo: Peirópolis.
- BUESO, M. E. (2004). Os Manuais escolares de Educação Musical: Indicadores de Multiculturalidade e Interculturalidade. *CIPEM, Revista 2004, nº6*, pp. 45-56.
- CARVALHO, A., & Fadigas, N. (2016, Janeiro 19). Manuais Escolares: 40 anos de profunda transformação. *Magazine de Educação: espaço do professor*, Porto Editora, pp. 1-3. Acedido a 14/11/2017 e disponível em: [https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/assets/especiais/magazine\\_educacao/19/pdf/me-19-jan-2016.pdf](https://www.portoeditora.pt/espacoprofessor/assets/especiais/magazine_educacao/19/pdf/me-19-jan-2016.pdf)
- CHOPPIN, A. (1992). *Les Manuels Scolaires: Histoire et Actualité* Paris: Hachette Éducation

- CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. (2011). Conclusões do Conselho sobre a educação Pré-escolar e cuidados para a infância. *Jornal oficial da União Europeia*, p. 175/8.
- CREASE, S. (2008). *Lições de Música - Oriente o seu filho para tocar um instrumento musical*. Lisboa: Bizâncio.
- DGE. (2017). *Critérios de apreciação, seleção e adoção dos manuais escolares para o ano letivo de 2017/18*. Lisboa: Ministério da Educação. Acedido a 20/11/2017 e disponível em: <http://www.dge.mec.pt/criterios-de-apreciacao-selecao-e-adocao-dos-manuais-escolares-para-o-ano-letivo-de-20172018>
- DGEBS. (1991a). *Organização Curricular e Programas*, Vol I, Ensino Básico de 2º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGEBS. (1991b). *Programa de Educação Musical – Plano de Organização do Ensino – Aprendizagem*, Vol II, Ensino Básico de 2º Ciclo. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGEBS. (2001). *Currículo Nacional de Ensino Básico – Competências Essenciais e Específicas: Educação Artística – Música*, pp. 165-176. Lisboa: Ministério da Educação.
- ESTRELA, A. (1994). *Teoria e Prática de observação de classes: uma estratégia de formação de professores* (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- FEREIRA, S. (2001). *O ensino das artes: Construindo caminhos*. Brasil: Papirus
- FORÉS, A., & Monserrat, V. (2002). *El teatro de la Mente y las Metáforas Educativas*. Ciudad Real: ÑAQUE

- GARBOSA, F. L. (2009). Contribuições teórico-metodológicas da história da leitura para o campo da educação musical: a perspectiva de Roger Chartier. *ABEM, Revista n° 22*, pp. 19-28.
- GODINHO, J. (2017). *Música 6 – Educação Musical*. Santilhana.
- MADSEN, C. K., & Madsen, C. H. (1978) *Investigación experimental en musica*. In Palheiros, G. B. A prática da audição na disciplina de Educação Musical. *Boletim da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 83, p. 5-14.
- NÓVOA, A. (2009). Para una formación de profesores construida dentro de la profesión. *Revista Educación 350*, pp. 203-218.
- NÓVOA, A. (2009). *Professores: Imagens do futuro e presente*, p.83. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa: Artes gráficas Lda, Benedita.
- PAHLEN, K. (2003). *Maravilhoso Mundo da Música*, p.32. Lisboa: Vega.
- PALHEIROS, G. B., & Hargreaves, J. (2002). Ouvir música em casa e na escola; influência do contexto educativo em crianças e adolescentes. Escola Superior de Educação do Porto e Universidade de Surrey. *CIPEM, Revista 2002, n°4*, p. 47-67.
- PAYNTER, J., & Aston, P. (1970). *Sound and Silence*. Cambridge: Cambridge University Press
- PEDROSO, F. (2003). *A disciplina de Formação Musical: Contributos para uma reflexão sobre o seu papel no currículo do Ensino Especializado da Música (Básico e Secundário)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.
- PESSOA, F. (1926). Palavras Iniciais. *Revista de Comercio e Contabilidade*, n° 4. Lisboa.

- PINTO, A. (2004). Motivação para o Estudo de Música: Fatores de Persistência. *CIPEM, Revista 2004, nº6, p. 33-44.*
- RODRIGUES, T. (2006). O jogo e os processos de aprendizagem e desenvolvimento: aspetos cognitivos e afetivos. *Educação em Revista*, 2006, 7, n 1/2, pp. 1-16. Universidade Federal de São Carlos, Brasil.
- RODRÍGUEZ, J., & Seoane, D. (2017). A investigação sobre manuais escolares e materiais curriculares. *Revista Lusófona de Educação*. Universidade Santiago de Compostela, Espanha.
- ROLDÃO, M. C. (2003). *Gestão do Currículo e Avaliação de Competência. As Questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- SAVATER, F. (2006). *O Valor de Educar*. Editor Dom Quixote
- SWANWICK, K. (1979). *A Basic for Music Education*. Londres.
- TAFURI, J. (2006). Processes and teaching strategies in musical improvisation with children. In I. Deliège, & G. A. Wiggins, *Musical Creativity - Multidisciplinary Research in Theory and Practice*, pp. 134-157. Hove and New York: Psychology Press.
- VILELA, R. (2012). *Contributos da Voz e do Canto na Promoção da Aprendizagem Musical*. Relatório da PES do Mestrado de Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, Lisboa
- WOODWARD, A., Elliot, D. L., & Nagel, K. C. (1988). *Textbook in school and society: an annotated bibliography and guide to research*. New York: Garland Publishing.
- WUYTACK, J., & Palheiros, G. B. (1995). *Audição Musical Ativa - Livro do professor*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical

# ÍNDICE DE ANEXOS DIGITAIS

## **CD. Prática de Ensino Supervisionada:**

### **1. Pasta 1º Ciclo**

#### 1.1. Planificações, com as Reflexões e Gravações

#### 1.2. Concerto de Natal

##### 1.2.1. Fotos e Vídeos

##### 1.2.2. Reflexão do Concerto de Natal

#### 1.3. Projeto Final

##### 1.3.1. Gravação Completa

##### 1.3.2. Guião do Teatro

##### 1.3.3. Imagens projetadas no Teatro

##### 1.3.4. Reflexão do Projeto Final

#### 1.4. Documentos

##### 1.4.1. Autoavaliação de 1º período

##### 1.4.2. Autoavaliação Final

##### 1.4.3. Foto de Despedida

##### 1.4.4. Lista de Alunos

##### 1.4.5. Planificação Geral das Aulas

##### 1.4.6. Planta da Sala

##### 1.4.7. Reflexão da 1ª Observação

##### 1.4.8. Reflexão do início da Prática

##### 1.4.9. Reflexões das Observações à Rita

## **2. Pasta 2º Ciclo**

### **2.1. 1º Período**

2.1.1. Planificações com as Reflexões e Gravações (Aulas 1º - 8º)

2.1.2. Concerto de Natal

2.1.2.1. Documentos

2.1.2.2. Vídeos e Fotos do Concerto

2.1.2.3. Reflexão do Concerto

### **2.2. 2º Período**

2.2.1. Planificações com as Reflexões e Gravações (Aulas 9º - 19º)

2.2.2. Festa de Páscoa

2.2.2.1. Vídeos do Concerto

2.2.2.2. Notícia de Jornal da Escola

2.2.2.3. Reflexão do Concerto

### **2.3. 3º Período**

2.3.1. Planificações com as Reflexões e Gravações (Aulas 20º- 28º)

2.3.2. Concerto Fim de Ano

2.3.2.1. Cartazes

2.3.2.2. Vídeos

2.3.2.3. Autorização aos Encarregados de Educação

2.3.2.4. Reflexão do Concerto

2.3.3. Prova de Aferição do 5º ano (Enunciados e Reflexão crítica)

### **2.4. Documentos**

2.4.1. Autoavaliação 1º Período

2.4.2. Autoavaliação 2º Período

2.4.3. Autoavaliação 2º Período

2.4.4. Calendário Escolar

2.4.5. Critérios de Avaliação dos Alunos

2.4.6. Estatuto do Aluno e Ética Escolar

2.4.7. Ficha de Autoavaliação dos Alunos

2.4.8. Ficha Diagnóstica dos Alunos

2.4.9. Grelha de Avaliação dos Alunos

- 2.4.10. Lista de Alunos – 6ºE
- 2.4.11. Lista de Instrumentos da Escola
- 2.4.12. Mapa da Sala
- 2.4.13. Planificação Geral
- 2.4.14. Plano de Desenvolvimento de Currículo (2013/2017)
- 2.4.15. Plano de Melhoria (2015/2018)
- 2.4.16. Programa Anual de Conteúdos
- 2.4.17. Projeto Educativo 2013-2017
- 2.4.18. Reflexão da 1ª Observação
- 2.4.19. Reflexão do início da Prática
- 2.4.20. Reflexões das Observações à Joana
- 2.4.21. Regulamento Interno /2017/2021)

### **3. Projeto de Investigação**

- 3.1. Lista e categorização do repertório do manual Play
- 3.2. Lista e categorização do repertório do manual Música 6
- 3.3. Lista e categorização do repertório do manual Música é... Música
- 3.4. Lista e categorização do repertório do manual 100% Música

### **4. Relatório de Estágio**



# M

MESTRADO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO MUSICAL  
NO ENSINO BÁSICO

Junho 2018